



PÍLULAS DE ARTES CÊNICAS: Nos 20 anos da UFGD, 20 histórias que reverberam Artes e a importância de fortalecer formações artísticas no interior de MS

Elise Hirako Dias

Igor Emanuel de Almeida Schiavo

Marcos Machado Chaves

Maria Regina Tocchetto de Oliveira

Organizadores

Pílulas de Artes Cênicas:

Nos 20 anos de UFGD, 20 histórias que reverberam Artes e a importância de fortalecer formações artísticas no interior de Mato Grosso do Sul

Elise Hirako Dias
Igor Emanuel de Almeida Schiavo
Marcos Machado Chaves
Maria Regina Tocchetto de Oliveira
(Organizadores)



2025



**Universidade Federal da Grande
Dourados Editora da UFGD**

Equipe

Coordenação Editorial

Marise Massen Frainer | Programadora Visual

Divisão Administrativa

Rafael Todescato Cavalheiro | Assit. Admin. | Chefe da Divisão

Thais Gomes de Souza | T.A.E.

Gabriel Brandão de Azambuja Menezes Cavalheiro | Estagiário

Divisão Editorial

Programação Visual, Revisão e normalização bibliográfica

Cynara Almeida Amaral Piruk | Revisora | Chefe da Divisão

Maurício Lavarda do Nascimento | Programador Visual

Brainner de Castro Lacerda | Programador Visual

e-mail: **editora@ufgd.edu.br**

Imagem da capa: Segmento do mural de Wess Gama

Diagramação: Editora Educação Literária

Impressão: Gráfica CS LTDA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central UFGD

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

P733	Pílulas de artes cênicas: nos 20 anos de UFGD, 20 histórias que reverberam artes e a importância de fortalecer formações artísticas no interior de Mato Grosso do Sul. / Elise Hirako Dias, Igor Emanuel de Almeida Schiavo, Marcos Machado Chaves e Maria Regina Tocchetto de Oliveira (organizadores). – Dourados, MS : EDUFGD, 2025. (Coleção Comemorativa aos 20 anos da UFGD; v.4). E-book (pdf). ISBN: 978-85-8147-228-7 1. Arte. 2. Teatro. 3. Formação cultural. 4. Educação artística. 5. Curso de artes cênicas. I. Oliveira, Maria Regina Tocchetto de. II. Título.
------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitida a publicação parcial desde que citada a



CONSELHO EDITORIAL

Marise Massen Frainer

Presidente

Cláudia Gonçalves de Lima

Vice-Reitora

Maria Aparecida Farias de Souza Nogueira (Titular)

Marisa de Fátima Lomba de Farias (Suplente)

**Representante da Câmara de Ensino
de Pós-Graduação e de Pesquisa**

Emilia Alonso Balthazar (Titular)

Narciso Bastos Gomes (Suplente)

Representante da Câmara de Ensino de Graduação

Thissiane Fioreto (Titular)

Alzira Salete Menegat (Suplente)

Representante da Câmara de Extensão e Cultura

Fernando Perli (Titular)

Victor Hugo Rodrigues de Souza (Suplente)

Representante do Conselho Universitário

Eliane Souza de Carvalho

Representante da Comunidade Externa





SUMÁRIO



- 9 **PREFÁCIO EM DOIS TEMPOS:**
- 10 **Chipas, Tereré e Artes Cênicas**
- 15 **Pílulas de**
Artes Cênicas
- 23 **REVERBERANDO**
ARTES
- 25 **Chá, Biscoitos e muito Drama...**
Ariane Guerra Barros
- 31 **Essa coisinha louca chamada Teatro**
ou É só Teatro, mas eu adoro
Roberto (Beto) Mônaco
- 37 **Prometeu Conectado**
Braz Pinto Junior
- 45 **A pílula de um vício que**
não quero tratar
Bruno Augusto da Silva
- 51 **Ocupando Espaços: A Arte como**
Resistência e Transformação
Camile dos Anjos
- 57 **O pouso após a migração: a**
criação de uma rede de arte,
acolhimento e acessibilidade
Elise Hirako Dias



63

Arte e Possibilidades: O Teatro enquanto lugar do Sentir*Flávia Janiaski*

69

Pés descalços, terra vermelha e corações abertos*Igor Emanuel de Almeida Schiavo*

75

Muita adaptabilidade, um pouco de inteligência e alguma perspicácia*João Marcos Dadico Sobrinho*

83

Do Coração de Glória às Asas do Teatro: A Jornada de um Sonhador*José Manoel de Souza Junior*

89

Caminhadas*José Parente*

95

A mirada da mãe sobre o seu atuar-produzir-educar em teatro ou o que aprendi com a maternidade e com uma artista-orientanda-estudante*Júnia Cristina Pereira*

103

Costurar histórias e memórias*Karla Neves*

111

Da BR-163 à Cena: Percursos de Vida e Arte*Luiz Eduardo Rodrigues Gasperin*

117

O teatro lotou e centenas de pessoas ficaram de fora*Marcos Machado Chaves*



- 123 **Pequenas e grandes transformações:
pedagogia e dádiva**
Maria Regina Tocchetto de Oliveira
- 129 **O Envenenamento das Cobras:
tentativas de evitar o romantismo
ao falar sobre Educação**
Michel Mauch
- 135 **Em um silêncio mórbido
quantas vidas**
Roberta Ninin
- 141 **Contágio**
Vanessa Lopes Ribeiro
- 149 **A Próxima História**
Autor/a ainda desconhecido/a
- 151 **MINIBIOS**





PREFÁCIO EM DOIS TEMPOS:



CHIPAS, TERERÉ E ARTES CÊNICAS

O presente livro faz parte de uma coleção referente aos 20 anos da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, e, com imensa alegria, reunimos várias pessoas que fizeram e fazem parte dessa história para escrever e contar histórias sobre o curso de Artes Cênicas.

Dourados é a segunda maior cidade do estado de Mato Grosso do Sul. A cidade se caracteriza pelos serviços que atendem à região. O comércio, os hospitais e a Universidade são acessados diariamente por pessoas da cidade e das proximidades. Sua fundação se deu em 1935, com um desenvolvimento econômico maior na segunda metade do século XX, após a criação de estradas que facilitaram o deslocamento e o acesso à cidade. Na região com uma das maiores reservas indígenas do país, os povos foram expulsos e divididos no processo violento de colonização. O local é dominado pela cultura do agronegócio, que, pelo viés econômico desenvolve a região, mas degrada a terra com agrotóxicos, queimadas criminosas e ataques às comunidades indígenas. Durante todo o processo, segundo dados oficiais, houve muita violência e descaso com os povos originários, que até hoje convivem com a violên-



cia da cultura do “Agro” que vê as comunidades com muito preconceito. Uma cultura que supervaloriza o lucro e entende os povos originários como um empecilho no seu caminho. Soma-se, ainda, as condições precárias de existência, sem acesso de qualidade ao mínimo que o Estado deveria propiciar. Estamos no início de 2025 e até hoje a reserva indígena sofre, entre outros tantos problemas, apenas como referência, com a falta de água potável, motivo que os levou a um recente protesto, o qual foi violentamente reprimido pelos mesmos agentes que deveriam fornecer água, mas que não o fazem e ainda reprimem manifestações por direitos fundamentais.

Logo, habitar esta terra, formar bacharéis e licenciados/as em Artes Cênicas, fazer e fomentar a arte por aqui significa profundas relações com a cidade e com os povos subjugados da região.

O curso de Artes Cênicas da UFGD foi criado em 2009, juntamente com outros cursos de diferentes áreas, como ação da política de expansão das universidades federais, capacitando novos centros de formação de nível superior, no interior de estados brasileiros para oportunizar o desenvolvimento educacional e profissional das populações de regiões distantes dos grandes centros urbanos. Nosso curso tem se consolidado em Dourados - MS, e desde então, muita coisa já aconteceu, muitas histórias, muitas vidas atravessadas e muita arte realizada.

O curso tem a duração de 8 semestres (4 anos), com duas formações: Bacharelado em Artes Cênicas



e Licenciatura em Artes Cênicas. Ao final do segundo ano, estudantes optam pela modalidade de Licenciatura ou Bacharelado. Ainda somos, no estado do MS, o único curso que oferece o grau de Bacharelado em Artes Cênicas.

Nosso corpo docente é formado por 13 professores/as efetivos/as com dedicação exclusiva, 12 com doutorado na área e um em processo de doutoramento. A maioria, incluindo os/as professores/as substitutos/as, são artistas pesquisadores/as, que integram suas atividades de ensino, pesquisa e extensão à sua atuação artística, promovendo parcerias com os estudantes e a comunidade de Dourados.

Nestes 15 anos, criamos uma rede de partilha entre estudantes, egressos/as, professores/as e técnicos/as do curso, participando em eventos acadêmicos e artísticos, como a Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas - ABRACE, festivais de teatro, premiações em editais locais, regionais e nacionais. Através de eventos internos, recebemos visitantes pesquisadores/as da área, e, assim, construímos parceria com outras instituições de ensino superior.

Acompanhamos os/as estudantes formados/as ocupando espaços nas instituições de ensino, em todos os níveis, do ensino fundamental ao ensino superior, na cidade de Dourados, em outras cidades do MS e noutros estados brasileiros. Muitos/as desses/as egressos/as estão dando continuidade à capacitação acadêmica realizando Mestrados e Doutorados. Outros e outras estão investindo na carreira artística,



consolidando espaços como diretores/as, atores, atrizes, iluminadores/as, figurinistas, e, também, com a criação de grupos teatrais e de espaços de cultura na cidade, conectando as experiências da graduação à multidisciplinaridade artística, através do cinema, do audiovisual, das artes visuais, da música, da dança e do circo. O curso de Artes Cênicas da UFGD é relativamente novo, mas está se tornando uma referência no Centro-Oeste brasileiro, acolhendo estudantes de vários estados do país.

É um privilégio e uma responsabilidade muito grande habitar este tempo espaço que nos permite fazer parte da história de um curso de graduação na área das Artes. Mato Grosso do Sul é um estado que tem, na agricultura e na pecuária, suas principais atividades econômicas. Com isso, torna-se natural, do ponto de vista do mercado, que o principal interesse, quando se trata de formação profissional, seja nas áreas que cobrem profissões vinculadas aos setores citados. No entanto, quando se pensa em educação enquanto formação da humanidade, é preciso pensar em um conjunto de possibilidades intelectuais, profissionais, não apenas no campo das artes, mas também nas mais variadas atividades do campo das humanidades, na intenção de fortalecer uma sociedade em todas as suas potências. Com isso, a existência da UFGD, com uma variedade de formações, representa a busca por uma educação que amplie e fomente “sonhos”. Acessar cursos como o de Artes Cênicas em Dourados significou incluir na academia



desejos e anseios de camadas da população brasileira que, na maioria dos casos, não teriam condições econômicas de transformar essa vontade em realidade. Dentre tantos motivos podemos destacar a dificuldade com o deslocamento para os grandes centros urbanos, antes únicos locais de formação acadêmica em Artes.

Ao final do ano de 2024, a Faculdade de Comunicação, Artes e Letras - FALE recebeu a visita de representantes da Reitoria para uma reunião com a direção e as coordenações dos cursos. A proposta do Reitor era de conhecer demandas e reivindicações para a atual gestão, através da escuta e do diálogo na perspectiva do “sentipensar”. A ideia do ser sentipensante foi desenvolvida pelo sociólogo colombiano Orlando Fals Borda, que aprendera com pescadores de rios sobre suas práticas ancestrais de “pensar com el corazón y sentir con la cabeza”¹.

A atitude proposta para sentarmos juntos/as, comunicando anseios e necessidades sobre nosso dia a dia na universidade, equilibrando razão e sentimento, indica um acolhimento institucional a características que são essenciais às Artes Cênicas. Essa é uma das razões pelas quais estamos em sintonia com a atual gestão da Universidade. A outra razão é o fato de que ela representa democraticamente a comunidade universitária, depois de um mandato intervencionista, entre os anos 2019 e 2022, imposto pelo governo federal da época.

1 De acordo com <https://sentipensante.red/>. Acessado em 15 jan 2025.



PÍLULAS DE ARTES CÊNICAS

2025: 20 anos da nossa querida Universidade Federal da Grande Dourados. Nas publicações comemorativas de um marco tão especial a todas e a todos nós, não poderiam faltar memórias advindas do campo artístico. O convite fora repassado à coordenação das Artes Cênicas (atualmente o único curso presencial de ensino superior da área das Artes em nossa cidade e região), que elaborou uma comissão para organizar a presente obra.

O primeiro desafio da comissão estava na tentativa de criar um livro que não fosse unicamente um registro histórico do curso. É preciso pontuar possíveis diferenças que existam justamente pela presença de formações artísticas públicas e de qualidade em nosso entorno.

Nas ideias para organizar esta publicação, buscamos proposições que pudessem ampliar conexões com as pessoas leitoras, e chegamos a um livro sobre Artes que atravessa nossa presença em diálogo com a região, histórias que podemos compartilhar enquanto pessoas trabalhadoras do ensino de Artes em nossa universidade, histórias em que presenciamos que algo aconteceu justamente por haver uma formação em



Artes Cênicas em Dourados. Chegamos a *Pílulas de Artes Cênicas*, nos 20 anos de UFGD, 20 histórias que reverberam Artes e a importância de fortalecer formações artísticas no interior de Mato Grosso do Sul.

E quem escreveria este livro? Não foi simples delimitar, uma vez que muitas pessoas estão vinculadas ao curso e outras tantas passaram deixando memórias e contribuições. Para tentar abarcar as pulsações recentes em um curto prazo, convidamos pessoas docentes e técnicas das Artes Cênicas, lotadas na Faculdade de Comunicação, Artes e Letras no recorte dos últimos anos, a compartilhar uma história. O intento age como uma semente para novas edições. Desejamos que a presente publicação possa gerar outras edições a distintas pessoas, discentes, comunidade, trabalhadores/as de diferentes recortes temporais, buscando outras histórias e vivências.

Lançamos, no convite, a seguinte problematização para inspirar as escritas: *Pode a Arte mudar vidas?* A pergunta gerou múltiplas respostas que passam por distintas interpretações. A comissão discutiu, para chegar à questão, pontos que o pesquisador Lukas Pairon desenvolveu em sua tese de título *A música os salvou, eles dizem* (2020, tradução nossa)² desenvolvida na República Democrática do Congo.

O título desta tese não significa que eu, pessoalmente, acredite que a música poderia 'salvar' alguém de qualquer coisa em si mesma. Embora os participantes da minha pesquisa tivessem muitas razões para querer

2 *Music Saved Them, They Say.*



navegar para uma posição diferente na sociedade, longe de suas vidas em gangues violentas [...] isso não significa que eles precisassem ser ‘salvos’. O vocabulário salvacionista do título deste livro vem dos próprios participantes da pesquisa, os jovens em Kinshasa que estavam se tornando músicos. (Pairon, 2020, p. 7).

O que altera cenários de forma significativa, como assinala o pesquisador, são mudanças na sociedade, na política e na economia; estruturas necessárias para mudar as condições das pessoas. Todavia, em suas observações, Pairon pontuou: “Não vi grandes mudanças no nível econômico nas vidas dos músicos que estudei, mas vi a música ter um impacto em sua capacidade de se reposicionarem em sua sociedade” (Idem). A arte, nesse aspecto, pode ser agente de transformação. Pode mudar vidas. Que alegria ter, então, em nossa universidade, a oportunidade de compartilhar formações artísticas e estar presente na comunidade dialogando com desejos de transitarmos em um mundo mais sensível, vibrante e plural.

No primeiro texto, *Chá, Biscoitos e muito Drama...*, Ariane Guerra Barros apresenta o projeto de extensão *Chá com Drama*, que surgiu em 2015, como uma proposta de leitura dramática e comunitária, em que estudantes e professores da UFGD criaram apresentações a partir da leitura de *Macbeth*.

Adiante, Beto (Roberto) Mônaco, em *Essa coisinha louca chamada Teatro ou É só Teatro, mas eu adoro*, reflete sobre o impacto do teatro, destacando a importância da formação de novos/as artistas na UFGD,



a simplicidade e a verdade da atuação de uma aluna indígena.

Em *Prometeu Conectado*, Braz Pinto Junior apresenta seu projeto de extensão que resultou em um espetáculo experimental que explorou a mitologia de Prometeu e temas como tecnologia e dependência digital, utilizando teatro, jogos digitais, realidade virtual, inteligência artificial e colaboração de diversos artistas e acadêmicos.

Bruno Augusto, em *A pílula de um vício que não quero tratar*, partilha a trajetória de um servidor público que, apesar de sua formação em Sistemas de Informação e paixão por tecnologia, encontrou, no teatro, uma transformação pessoal e profissional, destacando a importância do trabalho coletivo e o impacto do Festival Internacional de Teatro de Dourados em sua vida.

Camile dos Anjos, em *Ocupando Espaços: A Arte como Resistência e Transformação*, partilha sua experiência no ensino e a criação de um espetáculo sobre assédio e injustiças sociais, na disciplina *Encenação II*, levando-a a imergir no teatro feminista.

Em *O pouso após a migração: a criação de uma rede de arte, acolhimento e acessibilidade*, Elise Hirako compartilha sua chegada ao curso de Artes Cênicas da UFGD, refletindo sobre os desafios e os aprendizados da maternidade solo, a importância da acessibilidade e o teatro enquanto uma criação de rede.

Flávia Janiaski, em *Arte e Possibilidades: O Teatro enquanto lugar do Sentir*, reflete sobre como o cur-



so de Artes Cênicas na UFGD, através do PIBID e da prática teatral, que ao aproximar teoria e prática, cria espaços para que os/as alunos/as se tornem professores/as-artistas.

Igor Emanuel de Almeida Schiavo, em *Pés descalços, terra vermelha e corações abertos*, descreve a experiência em Dourados, junto ao *Coletivo Clandestino*, que integra arte, educação e política em um ambiente colaborativo. Ele destaca a relação próxima entre docentes e estudantes, a promoção de práticas artísticas inclusivas e os projetos em comunidades.

Em *Muita adaptabilidade, um pouco de inteligência e alguma perspicácia*, João Marcos Dadico Sobrinho reflete sobre seu processo de adaptação na docência, destacando sua escolha pelo teatro enquanto uma fonte de aprendizado e conexão, tanto no passado quanto no presente.

José Manoel de Souza Junior, em *Do Coração de Glória às Asas do Teatro: A Jornada de um Sonhador*, conta o percurso de um músico, ator, diretor e educador e das contribuições do curso de Artes Cênicas na formação artística e pedagógica.

Em *Caminhadas*, José Parente compartilha histórias marcantes de sua trajetória, como o uso de espaços improvisados nas primeiras edições do curso, as experiências pedagógicas e os projetos significativos, como o *Coletivo Moenda*, a montagem de *A Vida de Galileu* e *Vereda da Salvação*. Destaca o impacto profundo de sua trajetória na UFGD, tanto no seu desenvolvimento profissional quanto no pessoal.



Em *A mirada da mãe sobre o seu atuar-produzir-educar em teatro ou o que aprendi com a maternidade e com uma artista-orientanda-estudante*, Júnia Cristina Pereira expõe sua vivência na maternidade, que modificou sua visão sobre o trabalho artístico e acadêmico, levando-a a questionar estruturas excludentes e a resistir às pressões profissionais.

Karla Neves, em *Costurar histórias e memórias*, narra a vivência do processo de criação teatral desenvolvido no curso de Artes Cênicas, abordando a montagem do espetáculo, intitulado *Entre os caminhos traçados e os gritos calados*, utilizando diversas linguagens e estratégias para provocar sensações e reflexões no público.

Luiz Eduardo Rodrigues Gasperin, em *Da BR-163 à Cena: Percursos de Vida e Arte*, relata sua jornada enquanto estudante de Artes Cênicas na UFGD, que através de experiências como a participação em festivais e projetos de arte-educação, reflete sobre a importância da arte como meio de aprendizado dialógico e convivencial, e como essa vivência contribuiu para sua formação de educador e artista.

Marcos Machado Chaves, em *O teatro lotou e centenas de pessoas ficaram de fora*, descreve a experiência de montagem do espetáculo *Auto da Compadecida*, produzido pela 7ª turma do curso de Artes Cênicas da UFGD. Expõe que a peça teve grande impacto na comunidade, com apresentações que lotaram os espaços teatrais, incluindo o Teatro Municipal de Dourados, destacando a relevância do teatro como forma de comunicação e expressão acessível a toda a sociedade.



Em *Pequenas e grandes transformações: pedagogia e dádiva*, Maria Regina Tocchetto de Oliveira, apresenta os desafios pedagógicos enfrentados e a reflexão sobre as mudanças no comportamento e nas subjetividades dos/as estudantes, desde 2013, até o atual contexto de transformações sociais, políticas e culturais.

Em *O Envenenamento das Cobras: tentativas de evitar o romantismo ao falar sobre Educação*, Michel Mauch enfatiza que o trabalho dos/as educadores/as e técnicos/as vai além do ato de ensinar; eles/as são agentes do Estado, responsáveis por materializar as políticas públicas e conectá-las às necessidades da sociedade. Além disso, apresenta a ideia de que a arte e a educação proporcionam meios para que os indivíduos, por meio de suas experiências e aprendizados, possam atuar na transformação social.

Roberta Ninin apresenta o texto *Em um silêncio mórbido quantas vidas* que destaca a encenação das peças *A Receita* (2014), de Jorge Andrade e *Os Olhos que Tivemos* (2014), levando o teatro a públicos diversos e ampliando a visibilidade da cena teatral local. Também destaca sua atuação na coordenação de projetos pedagógicos.

Vanessa Lopes Ribeiro, em *Contágio*, relata sobre a pandemia de COVID-19, em que ela propôs aos/as alunos/as um drama sobre contágio e isolamento, tema que se tornou relevante em 2020 atravessando a pandemia. Durante o ensino remoto, a autora utilizou tecnologias digitais para continuar as atividades pedagógicas.



Nas histórias que vocês, leitores e leitoras irão conhecer, poderão perceber a diversidade de muitas vozes, que compõem ou compuseram o quadro de trabalhadores e trabalhadoras do nosso curso de Artes Cênicas, ao longo da sua história.

A Comissão deste livro espera, por fim, que você, cara pessoa leitora, desfrute dessas múltiplas vivências compartilhadas, regadas de afetos e que refletem a importância do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados.

***Comissão de Organização do Livro de Artes da
Coleção 20 Anos da UFGD***

Elise Hirako

Igor Emanuel de Almeida Schiavo

Marcos Machado Chaves

Maria Regina Tocchetto de Oliveira



REVERBERANDO ARTES





CHÁ, BISCOITOS E MUITO DRAMA...

Ariane Guerra Barros



Os anos foram 2015 e 2016. Os espaços eram o Núcleo de Artes Cênicas e o Casulo Espaço de Cultura e Arte. Estudantes de Artes Cênicas e alguns discentes de outros cursos da UFGD. Duas professoras coordenadoras: Ariane e Júnia. Um projeto de extensão. Chá. Biscoitos. Drama. Textos dramáticos. Leitura dramática. A mistura estava pronta para entrar em ebulição.

No caldeirão de desejos, a vontade de realizar leituras dramáticas de textos teatrais surgiu em 2015, quando já estava atuando como docente no curso de Artes Cênicas desde 2013, e percebi a demanda na disciplina de Dramaturgia. Estudantes liam textos de dramaturgos renomados, mas havia necessidade de ampliar o conhecimento, em que, por vezes, um semestre apenas não dá conta de todo o universo que a disciplina pode oferecer... Mesmo minha área de atuação mais efetiva sendo em Corpo e Movimento, o universo dramático me encantava; e a leitura dramática, que ficava entre a leitura e a encenação, também. Esse encanto era compartilhado com outra professora do curso, Júnia, e assim surgiu o projeto de extensão “Chá com Drama”, no final do ano de 2015.

Em 2016 conseguimos o espaço cultural Casulo, localizado mais próximo ao centro da cidade, para nossas apresentações. Um projeto que contemplava estudantes, docentes e comunidade em encontros regados a chá, biscoitos e leitura. O que começou com leitura expandiu-se em quase montagem, em que gravatas evocavam homens em *Escola de Mulheres*,



de Molière; e um banquete foi realizado em *As Três Irmãs*, de Tchekhov.

A satisfação pelo contato com a leitura dramática e a aquisição de novos conhecimentos, a fruição da leitura em conjunto, a explicação dada por professor/a/a convidado a cada mês para o texto escolhido, o acesso a textos teatrais, os processos enquanto processos me moldaram enquanto extensionista, professora e pessoa.

O frio na barriga para estar à frente de certa quantidade de alunos, alunas e alunes; que começou tímida, com apenas 5 estudantes, até termos quase 20 acadêmicos e acadêmicas, colocava-nos à prova para possíveis ajustes de personagens, e até mudanças de texto para abarcar todos, todas e todes.

As propostas eram dialogadas em coletivo, em que todes participantes tinham voz, fosse na leitura em si, fosse em considerações sobre a forma de apresentação. Isso permitiu uma variada gama de apresentações, com estímulos, dedicações e entretenimentos múltiplos.

A primeira apresentação trouxe as dúvidas: “Será que esses biscoitos serão suficientes? Será que estão bons? E o chá? É do gosto de todes?”. Esses questionamentos se dissiparam tão logo a leitura começou.

Mas uma apresentação me marcou mais especificamente. A peça iniciava com três bruxas. E havíamos preparado a leitura, um pouco mais estática, com os personagens ao centro e as cadeiras ao redor para os e as espectadores/as. Eis que uma aluna dispara: “E se a gente começar atrás daquela bananeira e surpreen-



der o público que podia estar sentado aqui fora?”. O espaço cultural em questão tinha um pátio com árvores e grama, e outro espaço fechado, uma sala, a qual utilizávamos para as apresentações. A ideia pareceu interessante, apesar de haver mudança de onde o público estaria alocado. Eu e Júnia nos olhamos. “É, pode funcionar...”.

“Vamos então levar as cadeiras para fora! E testar a leitura com vocês se movimentando pra ver se funciona.” Trabalho de formiguinha, alguns já trazendo as cadeiras para fora, outros ainda desconfiados, mas ainda assim participando. As três bruxas posicionadas atrás da bananeira. “Prontas?” “Sim!”. E o teste funcionou. O que estava com olhar desconfiado anteriormente solta: “E se a gente faz uma fogueira pra elas ficarem em volta?”. “Uma fogueira? Mas como? Eu não sei fazer fogueira...” “Aqui ó, tem um vaso que a gente pode usar...” - outra discente aparece, quase magicamente, com um vaso que serviria para uma fogueira. Outro olhar trocado entre mim e Júnia. “Ok, então. Vamos ver como fica com a fogueira.”

A fogueira ficou linda. Estava entardecendo, as três bruxas com suas saias girando ao redor da fogueira, o texto sendo declamado. Uma “bruxa” teve outra ideia: “E se começar comigo lendo as mãos de quem chega de público e quando terminar eu vou atrás da bananeira para dar o sinal pra começar?”. Para quem já tinha carregado cadeiras e acendido uma fogueira, uma leitura de mãos só iria abrilhantar a leitura. Pronto! Início da peça resolvido.



Um leitor-ator mais atento, sabiamente, pergunta: “Tá, mas isso não combina com o final... No final, a gente tem que estar ali dentro da sala, pra fazer a cena dar certo.” Ele tinha um ponto. Um ponto bem importante. A peça iniciava em ambiente externo, mas o restante dela se passava em aposentos internos de um castelo. E agora? A outra estudante já dava a solução: “Começa aí fora, e quando for a cena do castelo, as próprias bruxas encaminham os espectadores aqui pra dentro, ou a gente chama aqui de dentro mesmo e faz o público entrar.” Terceira troca de olhares. “Vamos pegar mais cadeiras então, e já deixar tudo pronto pra eles só entrarem e sentarem”. Cadeiras surgindo, outro espaço cênico sendo criado.

“Gente, eu vou dar minha fala daqui de cima, viu?”. Olhamos para cima. O espaço interno tinha uma escada que dava para uma pequena espécie de varanda interna, a qual o público conseguia contemplar. Eu e Júnia já nem precisávamos mais nos olhar. “Beleza, dá seu texto... Mas não se pendura, pelo amor de Deus! Fica só aí em cima olhando pra nós aqui embaixo”. De repente, uma mesa veio sendo arrastada para o centro do espaço interno. “Ah, se ele pode dar o texto dele ali de cima, eu vou fazer minha cena em cima da mesa, tá?”.

E a plateia começou a chegar. E a “bruxa que lia mãos” começou a abordar os/as espectadores/as. E chá foi servido. E comemos biscoitos em meio a uma fogueira na grama. As bruxas surgiram, encantaram, levaram o público para dentro. A leitura continuou, o



aluno quase se pendurou, a atriz-leitora lavou suas mãos em cima da mesa. O vaso quebrou. “Quê?”. “O vaso, que tinha a fogueira, quebrou. Acho que não aguentou tanto calor...”

E foi entre bananeiras, fogueira, mesas, varanda, leitura de mãos e um vaso quebrado – que foi repostado posteriormente – que *Macbeth*, de Shakespeare, foi realizado. Sorrisos, olhos brilhando, conversas mil, quando uma aluna diz: “Foi a primeira vez que me apresentei e pisei num palco”. O palco era a grama, mas a satisfação e a contemplação estavam presentes. Mais sorrisos. O desejo de fruir, apreciar e presenciar arte e cultura, os esforços conjuntos, a força e a sensação de plenitude e do coletivo pairavam sobre nós.

No retorno avaliativo das pessoas que assistiram, comentários de: “Que nunca pare.”; “Vida longa ao projeto!”; “Foi sensacional.”, entre uma que nos chamou atenção: “Vocês são luz em meio à escuridão”. Até hoje não sabemos se a frase se referia à fogueira ou não...



ESSA COISINHA LOUCA CHAMADA TEATRO OU É SÓ TEATRO, MAS EU ADORO³

Roberto (Beto) Mônaco

3 O título faz referência a duas músicas icônicas do rock: *Crazy Little Thing Called Love* gravada pelo grupo inglês *Queen*, cuja tradução livre para o português seria Essa Coisinha Doida/Louca Chamada Amor e *It's Only Rock'n' Roll (But I Like It)*, dos também ingleses *Rolling Stones*, cuja tradução livre para o português pode ser É só Rock (Mas Eu Adoro).



Enquanto tentava escrever este texto, (e dava aquelas escapadas clássicas para perder tempo na internet), li uma matéria sobre a Fernanda Montenegro, que foi incluída, neste mês de outubro de 2024, no livro dos Recordes (Guinness Book), pelo maior público presente à leitura de um livro: mais de 10 mil pessoas acompanharam, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, a leitura que a atriz (com 95 anos!!) fez de “A Cerimônia do Adeus”, de Simone de Beauvoir.

Milagres acontecem. A nossa cultura é o nosso país. A nossa cultura teatral é o homem através dos milênios, sempre tem a presença de alguém passando pra alguém a visão e uma vivência que traz um texto, um contraste, uma variação do momento que se vive, uma transcendência do momento que se vive, até o humor do momento que se vive. (...) Eu agradeço por levar Simone de Beauvoir dentro do Ibirapuera. Isso acontece em mais algum lugar do mundo? Só falando pra 15 mil pessoas, só trazendo ideias, nada fáceis de serem absorvidas, e ninguém vai embora.⁴

E aí, vocês leitores pensarão: “assim é fácil, começa o texto citando a Fernandona...”. Sim, cito a FM porque, na minha humilde opinião, é a maior artista de teatro deste país – entre vivos, mortos, mulheres, homens e qualquer outro gênero. E se o assunto (no caso, a provocação dos/as/es editores) é a arte como transformadora de vidas, por que não mirar no topo da carreira?

4 <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2024/11/14/fernanda-montenegro-conquista-recorde-no-guinness-book-e-se-emociona.ghhtml>). Acessado em 09/11/2024.



Costumamos pensar nas pessoas que atingiram algum ponto de destaque como especiais, privilegiadas por este ou aquele atributo (na área artística, sempre imaginamos a beleza como essencial). Porém, é evidente que, na prática, inúmeros fatores influenciam o sucesso, desde a classe social e o consequente acesso às oportunidades, até a possibilidade de uma mínima independência financeira que permita investir na carreira. Isso vale, sem dúvidas, para a formação de atores/atrizes. Porque, até que me provem o contrário, acredito que ninguém chega ao mundo “pronto” como artista.

Assim, podemos pensar em nossa participação como professoras e professores de arte aqui na UFGD, em Dourados, no Mato Grosso do Sul, uma região tão, tão distante, geográfica e culturalmente, dos grandes centros. Estamos ajudando, incentivando e contribuindo para a formação de novos/as artistas, pesquisadoras/es, professoras/es? Sim, com muita certeza! Esperamos algum dia formar outra Fernanda Montenegro? Talvez não, mas, nestes 20 anos, formamos muitas Anas e Jonas e Pedros. E escrevo “formar”, me referindo tanto à expressão “formado em Artes Cênicas”, quanto a uma formação de vida, de postura ética, na qual a Arte se inseriu.

Como ainda tenho espaço, narro um pouquinho de minha relação com o curso de Artes Cênicas da UFGD e de uma vivência de aula que, me parece, ilustra essa argumentação. No início de 2013, vim para Dourados, acompanhando a recém admitida profes-



sora Gina Tocchetto. Minha experiência com teatro já era longa – à época, mais de 20 anos – como ator, produtor e dramaturgo. Movido pela curiosidade artística, comecei a acompanhar as apresentações de TCCs e do “Projeto”⁵ anual.

Com o passar do tempo, fui conhecendo alunos/as e participando como “consultor” em montagens das turmas da Gina. Também escrevi adaptações e dramaturgias originais para muitas encenações (e até atuei em algumas). Além disso, fui ainda aluno do curso, ingressando como diplomado (já que não concluíra a graduação, iniciada nos anos 1980 na UFRGS, em Porto Alegre). Toda essa experiência – que em 2025 completa 12 anos – culminou no meu ingresso como Professor Substituto, em 2023, numa vaga de Atuação.

Era um período difícil: pós-Covid, o calendário acadêmico estava totalmente “bagunçado” e tivemos praticamente três semestres comprimidos em um ano. Como entrei em fevereiro, peguei disciplinas em andamento, como, por exemplo, Atuação IV, em que a maioria dos/as alunos/as participava da montagem de *O Rei Leão br-py*. Para estes, a disciplina tradicionalmente é uma extensão do *Projeto*, pois é o momento – aguardado por todos, desde que ingressam no curso – de pôr em prática os primeiros semestres cursados e de “estar em cena” (para a grande maioria, pela primeira vez).

5 Denominação carinhosa dada à montagem teatral realizada no 4º semestre do curso, que envolvia toda a turma. No novo Projeto Pedagógico do Curso, a disciplina chama-se Laboratório de Encenação I.



Mas sempre há, nessa disciplina, alguns/algumas estudantes que, por um motivo ou outro, estão cursando Atuação IV e não participando do *Projetão*. Naquele semestre, eram três, entre eles uma aluna indígena que estava próxima de concluir o curso. Jadi Reginaldo Ribeiro tinha dificuldades em comparecer às aulas, tanto por questões do transporte que é oferecido às aldeias (e, em muitas oportunidades, cancelado – em dias de chuva, por exemplo), quanto pela maternidade – que, na quase totalidade dos casos, sobrecarrega a mulher. Para esses três estudantes, propus como avaliação prática a criação de uma pequena cena solo e dei a eles alguns monólogos para que escolhessem. Depois de duas ou três semanas em que eles/elas leram os textos e começamos a planejar suas apresentações, Jadi me disse que não gostaria de usar nenhum deles e que contaria uma história. Eu aceitei e combinamos o dia e o horário (no intervalo da aula, para que a turma e os colegas de outras aulas pudessem assistir). E assim foi: Jadi se pintou e colocou roupas com referências à sua etnia e, de uma forma muito tranquila e natural, contou-nos a História da Mandy.

A simplicidade e a veracidade da “contação” de Jadi foram cativantes. Justamente por ser despretensiosa e verdadeira, Jadi nos mostrou que o Teatro, apesar de todas as suas teorias e contra-teorias, as suas regras e os seus treinamentos exaustivos, pode ser muito simples e comunicar muito bem.

Fazemos arte e procuramos ensinar teatro, tentando transmitir que essas aparentes contradições entre



técnica apurada e espontaneidade são dois lados da mesma moeda. Como dito pela Fernanda Montenegro e citado lá no começo: “Milagres acontecem.” E eu completaria: em geral, são resultado de bastante trabalho.



PROMETEU CONECTADO

Braz Pinto Junior



Prometeu Conectado foi um projeto de extensão realizado em 2024 pelo Núcleo de Estudos da Cena Contemporânea (NUENCENA), uma companhia de teatro que criei em 2014 para ser um espaço de produção experimental e de pesquisa de obras clássicas, textos autorais e encenação contemporânea.

O projeto resultou em um espetáculo, escrito e dirigido por mim, com música original de Lys Dame e Niighito Beats e que teve como protagonista o ator e poeta Kaio Ramos. Realizado com patrocínio do Governo Federal por meio da Lei Paulo Gustavo e apoio da Secretaria Municipal de Cultura de Dourados, *Prometeu Conectado* contou com cinco apresentações entre os dias 30 de setembro e 2 de outubro no Núcleo de Artes Cênicas da Faculdade de Comunicação Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (NAC/FALE/UFGD).

Nascido da pesquisa com Teatro Digital e Mitologia, o espetáculo contou também com um elenco de estudantes da UFGD, a maioria do curso de Artes Cênicas, membros do NUENCENA.

No palco, o ator contracenava com personagens projetados em telas em formato de caixotes, criados com recursos de realidade virtual e animação computadorizada, vídeos produzidos por inteligência artificial ou gravados a partir de performances com atores reais no estúdio do Núcleo Interdisciplinar de Comunicação (NIC) também da FALE.

O enredo da peça apresenta Prommy, um jovem aficionado por jogos digitais que, incapaz de se relacionar com as pessoas do mundo real, resolve se isolar



em seu quarto e assumir, entre uma *gameplay* e outra, a identidade do titã Prometeu, o mais rebelde entre os deuses, expulso do Olimpo por Júpiter.

Prommy, ao descobrir que sua mãe, Themis, está envolvida com o próprio chefe na empresa em que trabalha, e, após saber de dados comprometedores sobre a reputação de S. J., o tal chefe decide interferir para impedir o relacionamento. Com ou sem o apoio dos amigos Vulcano e Io, desafiando as regras e agindo por instinto, o jovem “Prometeu” *hackeia* os computadores da empresa e divulga informações sigilosas sobre S. J., mesmo que para isso tenha que se sacrificar ou sacrificar aqueles que mais ama.

No fim, tomado pelo ódio, encontra seu destino trágico em um incêndio que ele mesmo provoca ao tentar se libertar da prisão de seus pensamentos e da dependência de seu universo virtual particular.

Nem Vulcano nem Io conseguem dissuadi-lo de buscar a vingança contra S. J., sobretudo, após Prommy encontrar nas redes um novo cúmplice: o incógnito jogador misterioso que responde apenas pelo apelido de Ave de Rapina.

A tecnologia e a dependência tecnológica foram os temas explorados na construção das cenas do espetáculo. Vivendo no século XXI, no qual a inteligência artificial tem sido considerada o “novo fogo” de Prometeu, como dramaturgo apaixonado pelos clássicos, não pude resistir à alegoria.

Prometeu Conectado foi pensado como um exercício poético a partir de reflexões que desenvolvi em um



projeto de pesquisa iniciado em novembro de 2023 intitulado Teatro Digital: Dramaturgia, Performance e Interatividade. A pesquisa abordava as relações entre Teatro e Jogos Digitais, além de outras linguagens, interfaces e recursos como Animação, Audiovisual, Realidade Aumentada ou Redes Sociais.

Para o espetáculo, foi construída uma narrativa original, tendo, como principal intertexto, a clássica tragédia ateniense do célebre dramaturgo Ésquilo. Os personagens foram recriados seguindo a estética contemporânea da *Pixel Art* e da cultura *gamer*, em três atos divididos em *gameplays* e *cutscenes* como se fossem parte de um jogo.

PROMMY

E disse Prometeu: Faça-se a luz!

E o fogo... se fez.

E fez-se tudo de uma só vez

O fogo é que era

A verdadeira luz do Prometeu

Mas não deu

A prometida luz, uma vez feita e refeita

Também se perdeu

E perdeu-se a fonte

E fez-se o fósforo.

E a fogueira se fez

A fornalha e a lareira.

E depois um a um se foram

Também os outros

deuses da vez



Só restou mesmo o gênero humano
E seu derradeiro plano
De o tempo todo fazer-se de Deus
(Pinto Junior, 2024, p. 3)⁶

Momentos de interatividade e elementos de realidade virtual foram incorporados à cena com destaque para o protótipo de um jogo digital criado especialmente para o personagem Prommy jogar durante as cenas do espetáculo e os diálogos com avatares criados com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial e dublados por atores.

Além das apresentações do espetáculo, o projeto fez parte de um evento paralelo realizado em parceria com o Coletivo K. P. de Artes Digitais, a Mostra Kaipê de Artes e os Jogos Digitais em que artistas e desenvolvedores de jogos expuseram seus trabalhos e contou com oficinas de Mitologia, Teatro e Tecnologia, Dublagem de Personagens Virtuais. Além disso, uma mesa de debates com o tema “Tecnologia e Sociedade”, realizada no dia 30 de setembro logo após a estreia do espetáculo, da qual participaram, além do elenco e do diretor do espetáculo, também o professor Rodrigo Sanches Devigo, coordenador do curso de Tecnologia em Jogos Digitais do IFMS/Dourados e a psicóloga e produtora cultural Fernanda Pinto.

6 PINTO JUNIOR, Braz. **Prometeu Conectado (Versão Beta)**. Texto do espetáculo apresentado no NAC/FALE/UFMG: Dourados, 2024.



PROMMY

Aquele que hackeia o régio Olimpo e o nó desata.
 Empresta, distribui, leiloa, arremata!
 Despenca da áurea esfera em loop infinito.
 A ele, Prommy, a sina infame de tornar-se mito.

Rasteja, ambiciosa sobre a terra.
 A culpa pela morte, pela dor e pela guerra.
 É dele, Pro...
 A glória efêmera.

Se ele se ferra?!
 Talvez um dia...
 Quem diria?
 A luz flertando com as trevas!

Aos que ele a douta ciência prometeu,
 Ao se acercarem da fogueira chamuscados,
 Ambiciosos feito deuses ateus,
 A estrela da manhã é seu legado.

Celestes segredos decodificados.
 Divinos talentos por terra caídos.
 A divindade enlatada pra viagem.
 As fúrias em fúria, o hacker flagrado.

E quanto a toda a sanidade prometida?
 E quanto ao level bônus depois da descida?
 Reforçaram-se as cadeias e os desmandos
 E o fardo do pensamento é agora humano.

Ao contrário, otário!
 Prommy, o que promete mas não cumpre,
 Não passa de um spoiler de mau gosto,
 O destino precário de um velho cúmplice.



Seu mal é conhecer de antemão o fim da história
Grande glória! Prommy, grande glória!
A águia e a serpente em insana luta.
Apolineamente dionisiaca mente... mente astuta.

Que ciência?!

O medo e a morte diante dela se desbotam.
E brotam artes em sua adega empoeirada.
Quem é esse cuja luz empalidece o próprio Febo?
Que algoritmos ensaia ele em segredo?

É Prometeu conectado.
Tá ligado?
É Prometeu conectado.
Se liga...

(Pinto Junior, 2024, p. 21)

O mito de Prometeu, acorrentado, liberto, confuso, em negação, atormentado, desconstruído, equivocado, perseguido, deslumbrado, aflito, conectado ou desconectado... parece cada vez mais presente em nossas vidas cotidianas, seja por meio das inovações tecnológicas que temos experimentado em doses cada vez maiores a cada dia, seja nos bastidores da sociedade de entretenimento e nas reviravoltas políticas que temos enfrentado em um mundo polarizado, uma sociedade entorpecida e um país em chamas.





A PÍLULA DE UM VÍCIO QUE NÃO QUERO TRATAR

Bruno Augusto da Silva



Iniciei minha trajetória como servidor público cheio de expectativas, mas confesso que, depois de quase 4 anos de graduação e 3 anos de estágio dentro da mesma universidade, na qual eu ingressaria, já tinha uma noção do que iria encontrar depois de assinar o termo de posse. Como fui chamado para participar de uma cerimônia no Hospital Universitário da instituição, esperava que aquele também fosse meu futuro espaço de trabalho. Um concurso de nível médio não te dá muitas opções e expectativas sobre escolher o setor em que vai trabalhar. Mas o destino quis que naquele papel estivesse apontando o endereço. Eu estava lotado na Pró - Reitoria de Extensão e Cultura. No momento que li essa informação, imaginei que sabia pouco, mas muito mais sobre cultura, do que sobre extensão. Por algum motivo inexplicável, desses que acontecem na vida às vezes, a partir daquele momento, eu seria parte da equipe da Coordenadoria de Cultura da Universidade Federal da Grande Dourados.

O menino nascido e criado na mesma cidade que dá nome a Universidade, formado por ela mesmo em Sistemas de Informação, muito mais pela afinidade com a tecnologia, números e lógica, do que exatamente por ser apaixonado pela profissão em si, agora iria trabalhar diretamente com um campo subjetivo, humano e que não se preocupava em atender nenhuma resposta exata.

Contudo, para minha feliz surpresa, encontrei nesse lugar um caminho sem volta, no qual descobri a capacidade transformadora que a arte e a cultura exerciam em mim e em muitas outras pessoas ao meu redor.



As fantasias e as ficções científicas trazidas pelas obras que via na TV e no cinema durante toda a infância tornaram fácil, para mim, a escolha da sétima arte como minha favorita. Não à toa, só 3 anos depois de iniciar minha trajetória na Universidade, resolvi ser o primeiro técnico a propor um projeto de extensão, novo, para criar um evento cultural de cinema para o município e a região.

Precisei desse preâmbulo para tentar trazer uma parte da significativa relevância da UFGD em minha vida profissional, acadêmica e pessoal, pois, quando fui chamado a compartilhar uma pílula sobre minha participação no curso de Artes Cênicas como parte das comemorações de 20 anos da Universidade, refleti sobre o que me levou a fazer parte dessa história ao ponto de ter a honra de ser convidado a contribuir com essa “pílula”.

Acontece que a Coordenadoria de cultura da UFGD foi marcada por um outro projeto cultural, intrinsecamente ligado ao referido curso que definitivamente mudou minha vida ao me fazer olhar para o teatro com muito mais carinho e admiração do que eu jamais imaginaria, o Festival Internacional de Teatro de Dourados. O FIT, para os íntimos, foi criado pelo então Coordenador de Cultura, e meu chefe, mas também, antes de tudo isso, um dos principais artistas sul-mato-grossenses, o grande poeta Emmanuel Marinho. Na época, não fazia ideia do tamanho nem da importância de Emmanuel como artista, nem do que o FIT representava para o Estado, para Dourados ou para



a Universidade e tampouco para a graduação em Artes Cênicas que eu ainda mal conhecia. Entretanto, vivenciar aquilo na prática, mesmo que tomado pelo nervosismo e pela inexperiência que assustava, me estimulava a querer saber mais sobre cada parte desse novo mundo cheio de complexidade e criatividade que eu estava presenciando.

Ironicamente, ao confessar que o cinema é minha paixão, usei o termo sétima arte para referenciá-la. Se eu fosse seguir aquela lógica que me acompanha dos tempos das exatas, as artes cênicas são a segunda arte dessa ordem cronológica criada pela humanidade, para tentar “organizar” esses conceitos tão fascinantes quanto complexos. Talvez, tenha me confortado saber que essa lógica mostra que o cinema aparece por último, pois precisou justamente da tecnologia, da qual tenho tanto apreço, para poder se revelar para a humanidade. Porém, se fiquei apaixonado com o cinema pelo seu modo de contar histórias, é simplesmente fantástico presenciar um espetáculo de teatro me trazendo aquelas mesmas sensações sem quase nenhum efeito externo ou tecnologia complexa, mas em tempo real, me obrigando a usar a imaginação para completar as lacunas.

Aprendi, principalmente acompanhando os bastidores, que aquele resultado visto no palco não é só fruto do talento e da qualidade artística, mas também de um trabalho árduo e cheio de dificuldades, que infelizmente, por mais vezes do que gostaria, é a realidade da maior parte dos artistas e dos trabalhadores da cultura no Brasil.



Todos aqueles dias intensos de FIT, que vivi por quase 7 anos da minha vida, me ensinaram, na prática, a entender por que o teatro é essa expressão artística tão potente que acompanha a história da humanidade por tanto tempo. Todo o turbilhão de emoções, desafios e experiências que envolvem a produção de um festival, ao mesmo tempo que exigia tamanho esforço físico e mental, também me trazia conforto, felicidade, potência e uma conexão com algo maior, algo profundamente humano e cheio de significado.

Em algumas das edições, no seu último dia, cheguei a escrever em uma rede social o que estava sentindo. Depois de tanto movimento, acordei sem o barulho do despertador, sem a adrenalina que me empurrava de um lado para o outro, sem as conversas apressadas, as corridas até o teatro, os ajustes de última hora. O dia estava quieto, mas algo parecia faltar. Gostei de não ter toda aquela correria? Não sei. Talvez tenha sido ali que percebi o quanto aquelas pequenas loucuras diárias haviam me moldado. Trabalhar no FIT me mostrou que a arte é um reflexo da vida e que estar no meio disso é transformador. Mais do que isso, me mostrou o poder do coletivo e como cada pessoa da equipe é fundamental para o festival acontecer. Acho que foi ali que entendi o valor de construir algo junto, de viver algo maior do que a soma de todos nós.

O que o teatro me trouxe de mais forte foi essa ideia de construção coletiva, que mesmo um monólogo não é feito por uma pessoa só. Me trouxe o calor humano da plateia, de cada apresentação, que,



diferente de um filme, nunca vai ser exatamente igual a outra. Me apaixonei por esse ambiente que, hoje, posso dizer com convicção, ganhou um espaço muito significativo no meu coração.

Não à toa, por diversas questões que acontecem nos ambientes de trabalho, no momento eu não me senti mais confortável no setor em que estava. O primeiro lugar que cogitei para uma possível troca de lotação foi o curso de Artes Cênicas, mais especificamente entre o corpo técnico de servidores da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras - FALE. Felizmente, essa mudança não só se confirmou, tive a oportunidade de contribuir por mais de cinco anos dentro da referida unidade acadêmica.

A idade acaba fazendo a gente refletir sobre o tempo que passou e talvez esquecer aquelas partes mais exaustivas que te faziam pensar se esse caminho valeria a pena. Hoje, não tenho dúvida de que a arte vale a pena, talvez a experiência me levaria a fazer algumas coisas diferentes, mas a única coisa da qual tenho certeza de que *não* quero fazer é esquecer o que aprendi e, principalmente, as pessoas que compartilharam esses dias comigo.

Se essa é uma pílula, divido-a com a certeza de que quero continuar meu vício. A certeza do tamanho do afeto e do carinho que tenho pelas Artes Cênicas e pela UFGD.



OCUPANDO ESPAÇOS: A ARTE COMO RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

Camile dos Anjos



Durante minha graduação em Artes Cênicas, optei pelo bacharelado com o discurso típico de uma jovem adulta: “quero ser atriz, não professora”. E assim foi por quase vinte anos. Mas, como canta Siba, “cada vez que eu dou um passo, o mundo sai do lugar”⁷. Ao retornar à minha terra natal, em 2017, a professora que existia em mim começou a sair do armário. Foi nesse ano que, por uma questão de sobrevivência, iniciei minha primeira experiência docente na academia, assumindo o cargo de professora substituta no curso de Artes Cênicas da UFGD. No segundo semestre do ano seguinte, fiquei responsável pela disciplina “Encenação II”, componente curricular que envolve uma montagem com toda a turma que, no semestre seguinte, divide-se entre os que optam pela licenciatura e os que seguem para o bacharelado. Para muitos/as estudantes, essa é a primeira experiência em um processo completo de montagem de espetáculo: escolha da dramaturgia, criação cênica, concepção de cenário, figurinos, iluminação, sonoplastia, maquiagem e contato com o público ao final do semestre.

Também era a minha estreia em muitos aspectos. Embora já tivesse realizado montagens com estudantes, nunca o havia feito em âmbito universitário, com pessoas que escolheram seguir a mesma profissão que eu. Sentia-me insegura ao me afirmar como diretora de teatro, acreditando não estar qualificada para essa função – hoje percebo que essa sensação vinha

7 SIBA. Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar. Siba e a fuloresta - toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar. Produção Independente, 2007.



da ausência de referências de mulheres em posições de liderança. Mas encarei o desafio, sem nem imaginar o quanto esse processo atuaria como disparador de uma revolução que se deu em mim.

Por conta das minhas inseguranças e da consciência de não querer reproduzir posturas autoritárias que vivenciei como estudante e atriz iniciante, busquei criar um espaço de horizontalidade e escuta. Organizamos núcleos de figurino, cenário, produção, iluminação, sonoplastia e direção, e, com exceção de dois estudantes, todos atuavam. Um dedicou-se às questões técnicas, especialmente iluminação e sonoplastia, enquanto o outro optou pela interpretação em Libras, algo que minha formação dos anos 90/2000 ignorou completamente. Esse “tapa na cara” (no melhor sentido) despertou em mim uma reflexão constante sobre acessibilidade em todos os meus trabalhos, artísticos ou docentes.

Decidimos explorar uma temática de interesse das/os estudantes, iniciando com improvisações livres e muitas rodas de conversa. O tema do assédio e das diversas formas de abuso, especialmente relacionadas a gênero e sexualidades dissidentes, surgiu com frequência. Buscamos informações, lemos, assistimos a filmes e compartilhamos referências artísticas sobre o assunto. Na época, o movimento “#MeToo” ganhava destaque no ciberativismo, com inúmeros relatos de mulheres sobre assédio sexual.

Em 2018, o Brasil enfrentou uma intensa polarização política e o avanço do conservadorismo. Nesse



cenário, uma figura grotesca, inicialmente vista como piada, logo se mostrou uma ameaça. Durante quatro anos, seu (des)governo desmontou a educação e a cultura, desprezou a ciência, agravou crises ambientais e lidou de forma irresponsável com a pandemia de COVID-19, resultando em milhões de mortes.

Naquele momento, ainda havia um fio de esperança, e percebo como esse espírito de luta influenciou a criação do espetáculo. Eu e as/os estudantes nos dedicamos a criar algo que ecoasse nossas angústias, denunciasse injustiças e clamasse por mudanças sociais e respeito. A postura machista, homofóbica e racista do então candidato nos motivava ainda mais, pois sabíamos que sua eleição tornaria a vida de muitos/as ainda mais difícil – o que, infelizmente, concretizou-se.

Outubro chegou, e o pior aconteceu. Fomos derrotadas/os nas urnas, mas seguimos unidas/os, guiadas pelo espírito de “ninguém solta a mão de ninguém”. No plano pessoal, uma dor ainda maior me abalou: um dia após a eleição, meu pai faleceu repentinamente, levado por uma doença silenciosa e desconhecida. Senti o chão desaparecer, mas, após um breve afastamento, encontrei no processo criativo a força para continuar. Apesar do cenário desolador no país e na minha vida, seguimos. Tínhamos um trabalho essencial para realizar.

A busca por informações sobre o tema da peça me fez imergir no universo feminista. Durante esse período, ao participar de um encontro da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cêni-



cas (ABRACE)⁸, ouvi pela primeira vez o termo “Teatro Feminista”⁹, e foi um caminho sem volta. Unir as informações da luta feminista, que estavam explodindo minha mente, à minha prática artística, tanto em forma quanto em conteúdo, promoveu uma verdadeira revolução na minha existência.

Conforme explicam as pesquisadoras Dra. Maria Brígida de Miranda e Dra. Daiane Dordete Steckert Jacobs, na ementa do plano de ensino da disciplina “Introdução ao Teatro Feminista”¹⁰, ministrada na Pós-Graduação em Artes Cênicas da UDESC, o teatro feminista é um termo “guarda-chuva” que “conjuga práticas teatrais, movimentos feministas, teoria crítica feminista, filosofia, historiografia, ativismo político e uma pletora de movimentos sociais” (2019). Ele também aborda questões referentes às sexualidades dissidentes e às desobediências de gênero, desafiando narrativas dominantes e resgatando vozes historicamente marginalizadas.

O espetáculo que estreou em dezembro de 2018 ganhou o título indagador de *Este lugar está ocupado?*

8 ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas. Disponível em: <https://portalabrace.org/novo2022/>. Acesso em: 13 set. 2022.

9 O X congresso da ABRACE aconteceu de 15 a 20 de outubro de 2018. As falas mencionadas foram a Mesa 1 – *Diversidade e Políticas de Gênero*, composta por Dodi Tavares Borges Leal (UFSB), Frederico Bustamente (UFSC e UFSJ), Elisete Schwade (UFRN), com mediação de Paulo Lopes (UFRN); a Mesa 2 – *Vozes feministas: arte e ativismo*, composta por Brígida de Miranda (UDESC), Verônica Fabrini (UNICAMP), Lucia Romano (UNESP), com mediação de Melissa Lopes (UFRN).

10 MIRANDA, Maria Brígida de; JACOBS, Daiane Dordete Steckert. Programa da Disciplina, —Seminário Temático 1: Introdução ao Teatro Feminista; dramaturgias, encenações e ativismos, 2/2019.



– uma pergunta que dirigíamos a nós mesmas/os: nós, artistas, estudantes, mulheres, pessoas trans, dissidentes sexuais, pretas/os, indígenas... Que lugares ocupamos? Quais espaços nos são permitidos? Como ocupar aqueles que nos são negados? Por meio de uma arte ativista, política, indagadora, alegre e festiva, celebramos nossos direitos de existir e resistir.

Ao longo do processo, as/os estudantes compartilharam, comigo ou em grupo, experiências de abuso e discriminação por conta de suas identidades de gênero e sexualidade. Essas conversas, embora dolorosas e delicadas, foram transformadoras e muitas vezes libertadoras, especialmente quando conectadas aos conhecimentos dos feminismos que absorvemos ao longo da jornada. Esse processo, impulsionado pelas demandas trazidas pelas/os estudantes, levou-me a revisar profundamente minhas práticas enquanto artista, docente e pesquisadora. Desde então, os estudos feministas e de gênero passaram a orientar meus posicionamentos pessoais, políticos e éticos.



O POUSO APÓS A MIGRAÇÃO: A CRIAÇÃO DE UMA REDE DE ARTE, ACOLHIMENTO E ACESSIBILIDADE

Elise Hirako Dias



Compor este livro de histórias do curso de Artes Cênicas é uma honra, especialmente por ser recém-chegada à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Pensei sobre muitas histórias que tenho vivenciado, mas desejo contar sobre a minha chegada ao curso de Artes Cênicas e da apresentação da rede de pessoas que foram fundamentais nesse processo. Tenho como objetivo refletir sobre minha experiência como docente, apresentando os desafios e os aprendizados na dinâmica entre a vida e as responsabilidades acadêmicas e a maternidade solo de uma criança (TEA). Desse modo, além de ser uma história sobre aqueles que nos acolheram, é também uma história sobre acessibilidade.

Ao assumir o cargo de professora substituta na UFGD, embarquei em uma nova jornada acadêmica, profissional, familiar e, sobretudo, relacional. No entanto, a coordenadora Maria Regina Tocchetto e a diretora Flávia Janiaski foram mulheres centrais para manter minha tranquilidade e oferecer acompanhamento durante a transição. Tocchetto, durante todo o processo, colocou-se à disposição para acolher minhas questões, realizar a articulação com os discentes e também me apresentou o professor Igor Schiavo, que se tornou meu tutor, e se colocou à disposição para dialogar, apresentar o curso, além de me auxiliar em questões documentais e tudo o que fosse necessário.

Mas por que expor que vivencio uma maternidade solo e atípica? Talvez fosse mais polido, prudente ou até reservado omitir esse fato e seguir adiante na his-



tória. No entanto, o tema da acessibilidade atravessa meu cotidiano e reflete minhas práticas pedagógicas e, sobretudo, sociais. Reconheço que o corpo docente do Curso de Artes Cênicas também está atento a esse tema. Para dar continuidade à história, faço um recorte com base na minha vivência e lanço a seguinte reflexão: Em quais lugares uma pessoa com transtorno do espectro autista (TEA) tem, de fato, o acesso garantido? E quais adaptações podem ser feitas para assegurar que essas pessoas permaneçam nesses espaços? Muitos foram os acontecimentos, mas destaco cinco momentos.

O primeiro, sob a perspectiva da gestão, aconteceu em minha primeira reunião pedagógica. Na ocasião, esteve presente o Núcleo Multidisciplinar para Inclusão e Acessibilidade, doravante NuMIAC, que visa à implementação de ações institucionais dentro da organização que assegurem às pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, para os estudantes matriculados na UFGD, a plena integração à vida acadêmica, superando barreiras comportamentais, pedagógicas e arquitetônicas. Adiante, foram apresentadas suas ações de acessibilidade, os atendimentos aos estudantes da UFGD, e ainda, colocou-se à disposição para dialogar e atuar sobre adaptações pedagógicas para a permanência e a integração dos alunos no curso. Por fim, foi solicitado e garantido o apoio de um profissional para um dos discentes.

A presença do NuMIAC na reunião pedagógica demonstrou o compromisso com a educação e a aces-



sibilidade da gestão e dos professores do Curso de Artes Cênicas da UFGD para com os discentes, em uma investigação eficiente pela implementação de ações que promovam, de fato, a integração plena desses alunos na vida acadêmica. O apoio profissional a um dos discentes expõe a concretização de medidas efetivas para promover a acessibilidade e a permanência.

O segundo momento, relacionado à sala de aula, ocorreu em reverberação à XII Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas - ABRACE, na qual participei como ouvinte do Fórum de Acessibilidade. Esse evento foi profícuo para refletir sobre a disciplina que ministro, *Ateliê Corporal II*, e, dentro de sala de aula, desenvolvi um espaço chamado “espaço de regulação”, destinado àqueles que precisavam de um momento para se reequilibrar. Nessa disciplina, também observei o apoio mútuo entre os estudantes, que se ajudavam para superar quaisquer barreiras que surgissem.

Esse espaço demonstrou-se ser oportuno às necessidades emocionais, físicas e cognitivas para os estudantes, permitindo que, em algumas situações, seja preciso estabelecer pausas de cuidado. Ademais, destaca-se a relação entre os discentes que se ajudam na construção do saber, criando uma rede de suporte que favorece a integração em prol do coletivo.

O terceiro e o quarto momentos se referem às dinâmicas relacionais entre minha família e a comunidade do NAC, seja por meio do artista visual, educador e técnico Rodrigo Bento, que gentilmente in-



tegrou minha criança à sua equipe e a incentivou a ampliar seus horizontes sobre o pensar e criar nas artes visuais, seja através do diálogo com o professor Marcos Chaves, que indicou o karatê ministrado pelo sensei Ramão, contribuindo para o desenvolvimento do corpo, da mente e do bem-estar dela em uma nova cidade. Essas experiências despertaram a felicidade do encontro e o brilho nos olhos de quem faz arte e vive em comunidade.

Por fim, o quinto momento refletiu uma experiência profundamente significativa no meu processo enquanto docente. Recebi, com gratidão, o contato da mãe de um discente, que expressou seus agradecimentos pela empatia, pelo acolhimento e pela condução do trabalho na disciplina com seu filho atípico. Para mim, enquanto uma educadora, esse momento foi precioso, e reafirma um posicionamento pedagógico de pensar a sala de aula enquanto um espaço de convivência onde os estudantes se sintam respeitados em suas individualidades, apoiados nas suas necessidades tendo a igualdade de oportunidade de aprender e se expressar.

Com muita gratidão, alegro-me em expor a plenos pulmões que as pessoas que compõem o curso de Artes Cênicas da UFGD estão atentas às ações de acessibilidade na formação de sua comunidade artística e acadêmica, e sinto muita satisfação por fazer parte da história do curso dessa Universidade. Eu e minha criança migramos para a cidade de Dourados-MS, sobretudo, em busca do sonho dourado, da felicidade, e



sim, nós a encontramos. Sobre a pergunta condutora deste livro, pode a arte mudar vidas? Respondo que a arte mudou a nossa vida. Através da arte, encontramos modos de reexistência e resistência para viver e se relacionar em um mundo com contextos por vezes tão adversos e hostis. Encontramos a felicidade na marcenaria e na sala de corpo do NAC da UFGD, também nos encontros com mulheres incríveis no grupo *Batuqueiras de Nós Mesmas*, nos espaços Casulo e Sucata Cultural, onde nos sentimos incluídas nessa rede de artistas e pessoas que atuam pelo coletivo em prol da arte.



ARTE E POSSIBILIDADES: O TEATRO ENQUANTO LUGAR DO SENTIR

Flávia Janiaski



Escrever sobre o curso de Artes Cênicas a partir da provocação “Pode a Arte mudar vidas?”, aliado à reflexão sobre a “importância de fortalecer formações artísticas no interior do Mato grosso do Sul” se apresentou como um dos exercícios de escrita mais desafiadores que já realizei. Apesar de me encontrar em frente a muitas possibilidades de escrita, todas são limitadas ao meu ponto de vista do que foram estes anos do e no curso. Apesar de fazer parte da história do curso e da história de muitas alunas/os que passaram por ele, como precisar se a Arte mudou a vida de algum deles? Posso afirmar que EU fui transformada por eles/elas, por olhares em cena, por risadas de bastidores, conversas de corredores, reflexões profundas em aula, relatos, relatórios, resenhas, discussões, espetáculos, ensaios...

Transformei-me como mulher, como professora e como artista. Mais do que isso, eu me perdi e me encontrei em um lugar bem distante das minhas origens e das aspirações adolescentes. E posso dizer que nesta terra – Dourados/MS – lugar que tem um pôr do sol dos mais lindos que já vi na vida, eu me descobri enquanto professora artista e a arte mudou a minha vida, e gosto de pensar que através do Teatro eu consegui mudar algumas vidas também, se não mudar, ao menos inspirar. Essa afirmação pode ser mais um desejo do que uma verdade, mas ainda me acalma o coração e me faz seguir em frente, esta alicerçada em muitas histórias, aqui partilho duas:

A primeira delas é sobre a montagem e a apresentação do Ato Artístico Coletivo “A Exceção e a Regra” a par-



tir da peça didática de Brecht, realizada com a turma de licenciatura em Artes Cênicas no ano de 2013, ano este em que cheguei à UFGD. Como vinha de uma realidade bem distinta, pois era professora no curso de Teatro da UDESC em Florianópolis/SC, foi inevitável o impacto com a realidade douradense ao chegar. Esse impacto que, ao mesmo tempo me abria muitas portas, veio acompanhado de uma série de perdas, cabia a mim entender e escolher como iria enxergar essa nova realidade. E nessa profusão de emoções, eu me vi diante de uma realidade nova e desafiadora, com alunos e alunas da licenciatura que pensavam (ou foram levados a pensar) que o teatro e a sala de aula estavam separados, que o palco e o chão da escola eram coisas distantes, que existiam os artistas e os professores. Então lancei o desafio para eles de serem todos/as artistas professores ou professores artistas e irmos para o palco, mas de forma didática como dizia nosso amigo Brecht.

Para minha surpresa, aquele grupo de 10 estudantes aceitou o desafio e começamos a trabalhar na montagem do nosso ato artístico coletivo que foi apresentado, ao final do semestre, para todo o curso de Artes Cênicas: primeiros anos, bacharelado e licenciatura. E, naquele instante mágico que acontece sempre que estamos no teatro, sempre que estamos em cena e em troca com o público, aquele grupo entendeu que eles e elas haviam feito a escolha de seguir na licenciatura, mas que a criação, o encantamento, a magia do fazer teatral tinham que estar juntos com essa escolha. Um professor de Teatro é, pois, não “apenas” um



professor, mas também é alguém que cria junto com seus alunos, alguém que consome arte e proporciona fruição artística aos seus alunos e alunas, alguém que entende que o único caminho possível para o teatro dentro da escola é o do professor artista.

A partir dessa experiência simples, mas singular, de estudarmos e apresentarmos uma peça didática, foi possível entender que a criação e a fruição artística acompanham muitas de nossas ações - sejam elas as mais banais como, por exemplo, tomar um banho cantando no chuveiro; ou limpar a casa ouvindo música; dançar na sexta feira a noite; brincar de faz de contas com crianças; ler um poema ou um livro; admirar uma belo quadro ou recordar um momento com uma foto; entre tantas outras que fazem parte do nosso dia a dia; sejam elas mais complexas como dar uma aula criando com seus alunos - e que fazer e ver arte já é em si uma forma de sermos mudados por ela.

A escritora Lya Luft, em seu livro *Perdas e Ganhos* coloca que “na arte como nas relações humanas, que incluem os diversos laços amorosos, nadamos contra a correnteza. Tentamos o impossível: a fusão total não existe, o partilhamento completo é inexecuível. O essencial nem pode ser compartilhado: é descoberta e susto, glória ou danação de cada um - solitariamente” (2010, p. 13)¹¹, posso garantir a vocês que fazer teatro no Mato Grosso do Sul é nadar contra a correnteza, é de fato susto, gloria e danação, tudo junto e misturado. Mas, é imprescindível que seja feito.

11 LUFT, Lya. **Perdas e ganhos**. 2º ed. Rio de Janeiro: Best 2010.



Isso me leva a uma segunda história, sobre o PIBID/Artes. O Programa é uma ação da CAPES/MEC que faz parte da Política Nacional de Formação de Professores, e tem por objetivo fomentar e aperfeiçoar a docência. Dentro do curso de Artes Cênicas, temos o PIBID há mais de uma década, e distintos/as professores já passaram pela sua coordenação dentro do curso. Sendo uma dessas professoras, em parceria com outras docentes e em momentos diferentes do programa, digo que sim, o PIBID/Artes pode mudar vidas. Afirmção pretenciosa, mas durante toda a trajetória desse programa, eu poderia citar muito exemplos de pessoas que entraram pela bolsa e são hoje artistas docentes espalhados e concursados pelo Brasil inteiro, fazendo arte na escola e fora dela. Mesmos aqueles que escolheram pelo bacharelado olham o PIBID como um lugar de aprendizado e carinho.

Através do PIBID, os discentes de artes cênicas têm a oportunidade de discutir teoria e prática; discutir o fazer artístico dentro e fora da universidade e da escola; realizar as mais diversas e distintas ações, que vão desde estudos teóricos, montagens e apresentação de contação de história, peças, performances, esquetes, confecção de planos de aulas. Até viagens culturais, escrita de artigos e livros, trocas com profissionais da educação básica, congressos, seminários, ações nas comunidades, e uma infinidade de ações e práticas que ajudam discentes e docentes da educação superior e básica a entenderem o fazer teatral dentro e fora da escola. O programa também apresenta aos



discentes de artes cênicas essa rica possibilidade de serem professores artistas e tecerem uma teia de conhecimento e arte que perpassa a universidade, a escola e as comunidades de Dourados, reverberando por todo nosso estado.

Finalizo este pequeno relato reflexivo dizendo que poder fazer parte de um curso de Artes Cênicas no interior do Mato Grosso do Sul é um privilégio. Temos muito egressos do curso, em várias partes do Brasil, trabalhando e difundindo o fazer artístico em escolas, teatros, praças, aldeias, centro e espaços culturais, comunidades, etc., e nada nos deixa mais orgulhosos e motivados, enquanto docentes, do que ver egressos brilhando nos palcos e nas salas de aulas, fazendo a diferença em suas comunidades, cidades e estado; apresentando-se para pequenas ou grandes plateias, fazendo arte, fazendo teatro, provocando o outro a sentir, a pensar a estar em movimento.

Porque, assim como Paulo Freire (1979)¹² afirma que a educação não muda o mundo, a educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo, a Arte não muda vidas, mas muda a forma de sentir e ver as coisas, e quando nos abrimos para o sentir, mudamos nossas vidas.

12 FREIRE. Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.



PÉS DESCALÇOS, TERRA VERMELHA E CORAÇÕES ABERTOS

Igor Emanuel de Almeida Schiavo



Quase 10 anos se passaram desde que chegamos a Dourados, digo chegamos, pois, ao vir para cá, viemos eu, minha companheira de vida e arte Karla Neves e meu filho Joaquim, então com 2 anos de idade. Para além da família, mas, sem deixar de ser, viemos com nossa pesquisa, nosso coletivo de teatro e uma vontade imensa de conhecer Dourados, suas urgências e contradições.

A tríade arte, educação e política faz parte do que sou, de como leio o mundo. Os primeiros contatos com a biblioteca da Faculdade de Artes do Paraná, e com as várias professoras que tive por lá, no local onde iniciei minha formação acadêmica, foram o divisor de águas na minha necessidade artística. Faço teatro há muitos anos, mas, considero-me artista desde esse período, quando se conectaram desejos e urgências, quando entendi que o teatro que faço é arte porque é uma necessidade que tenho na vida, e, poderia ser de qualquer forma, conteúdo, mas a minha arte se faz da necessidade de expor as contradições que se apresentam no mundo, sob o modo de produção capitalista. O triângulo se fecha na educação, nas ideias de uma educação transformadora, o que, na arte passa por modos de trabalho transformadores, coletivos concretos, ambientes de criação, metodologias sob perspectivas críticas aos modelos de produção teatral, do trabalho em grupo, que mantêm e transportam, estruturas de poder, exploração, próprias do modo de produção vigente.

Mesmo a peça teatral mais comprometida sendo dramática, ou esteticamente com ideais de transformação social, pode se contradizer ao não perceber suas próprias



estruturas de criação replicadas dos modelos empresariais, patronais ou o que for. Compreensível, estamos constantemente vivendo e naturalizando essas estruturas, o que se faz necessário sob a ótica do capital, para melhor alinhar todos os setores, o nosso não difere dos demais.

Pés descalços

Diferente de outros lugares, aqui, docentes e estudantes são muito próximos/as, por se tratar de uma cidade pequena, conservadora, é perceptível os guetos que se formam em torno de interesses comuns. No caso da arte, duas coisas são fatores determinantes na cidade. Não existe o mesmo ambiente de competitividade entre artistas como em outros locais com os quais já havia tido contato, aqui as pessoas costumeiramente se ajudam, a arte se faz de forma colaborativa nos mais diversos setores. Com isso, tem-se um núcleo de artistas locais, das variadas linguagens, em um ambiente menos tóxico.

Outro aspecto que, acredito, ajudar nas interações sociais, é o fato de que os docentes que aqui estão vieram de outros lugares do Brasil, assim como a maioria de nossos/as estudantes, em diferentes escalas, ou seja, todo mundo passa pela compreensão da realidade em uma terra em que o diferente ainda é visto com muito preconceito, em que uma performance simples que envolva temas e estéticas que em outros lugares já estão assimiladas, aqui ainda vistas com muito estranhamento. A nudez em cena, a interação, os corpos dissidentes, entre outras situações, são vistas com muita desconfiança e sob olhares preconceituosos e



violentos. Com isso, a relação é de muita proximidade entre docentes e estudantes, e assim nos unimos para viver em uma região marcada pelo genocídio indígena e pela violência contra os movimentos de trabalhadores rurais sem-terra, problemas muito maiores do que os que vivemos em nosso dia a dia, privilegiados e amparados pela instituição UFGD.

Dessa união entre corpo docente e estudantes, resistem uma empatia e uma ajuda mútua para as mais variadas questões da vida cotidiana, para além dos conteúdos e das disciplinas da faculdade. As pessoas se ajudam, e isso torna o nosso curso diferente das experiências que já havia vivido, em que existe uma separação que não permite ampliar relações para além da sala de aula. Aqui nos conhecemos, fazemos arte e resistimos juntos e juntas, algo que potencializa o pensamento de Paulo Freire quando reivindica o contexto como algo fundamental em uma educação libertadora, aqui estamos todos e todas sob contextos que se atravessam e se afetam mutuamente. Andar com os pés descalços significa saber que não andamos sós, e que nossos pés pisam neste chão ancestral com respeito e comprometimento.

Terra vermelha

No ano de 2017, organizei, junto à turma de Estágio Supervisionado III, a realização de seus estágios em escolas no assentamento Itamarati, o maior assentamento rural da América do Sul, em área integrante do Município de Ponta Porã, com apoio do professor Michel Mauch, amigo e colega do curso de Artes Cênicas e uma



parceria com o professor Walter Marschner, do curso de Licenciatura em Educação do Campo, também da UFGD.

A escolha convergiu para alguma comunidade que os/as alunos/as não tivessem muito contato ou algum tipo de relação. Comunidades indígenas e assentamentos rurais foram mencionados, por se tratar de grupos sociais importantes na cultura local, povos que vivem à margem, subjugados, sempre sob a perspectiva do agronegócio, cultura dominante no estado.

A experiência foi marcante em nossas trajetórias, a semana foi intensa e de total integração entre a comunidade acadêmica e a comunidade onde está inserida a escola. Vivemos arte 24 horas por dia, os horários em que convivemos foram de intensos debates e criações artísticas. Durante uma semana, pude presenciar e fazer parte de uma experiência pedagógica transformadora, pensada, organizada e desenvolvida coletivamente, algo que transformou todos e todas nós em seres mais humanos/as. Compreender a terra vermelha, a terra em que estamos inseridos, significa estar presente nas comunidades e fortalecer as lutas de povos marginalizados e violentados em sua existência, dia após dia.

Corações abertos

Um salto na história e, no ano de 2022, pude realizar uma montagem teatral com a turma Encenação II, que tinha como objetivo a experiência de uma encenação em suas estruturas todas, a criação, a produção e a utilização de textos clássicos da dramaturgia. Como minhas pesquisas são direcionadas ao Teatro de Rua, utilizei-me dos



métodos de trabalho com Teatros de Rua. Ao pensar a experiência, pensar em metodologias teatrais transformadoras, ao pensar em um grupo de trabalho jovem, cheio/a de expectativas em relação à montagem, é preciso entender o fazer arte como algo necessário em suas existências e prazeroso em sua essência, sem espaços para violências e outras opressões tão naturalizadas no fazer teatral.

Junto comigo, outros docentes do curso de Artes Cênicas. O professor José Parente cedeu aulas para o trabalho com as cenas, o amigo e colega do curso de Artes Cênicas Marcos Chaves orientou o trabalho vocal da turma. O texto escolhido para a montagem foi “Este Lado para Cima”, da Brava Cia, um texto sem protagonismos. Algo que permitiu a divisão em grupos para o trabalho de criação das cenas foi o fato de os grupos serem montados por afinidades e as cenas divididas, com cada grupo trabalhando suas partes. Depois disso, realizávamos as conexões com o todo. Para o trabalho de preparação das cenas, contei com a ajuda de Karla Neves, companheira e diretora teatral do *Coletivo Clandestino*. Experimentar metodologias que buscam subverter a lógica de violência própria do capital não é nada fácil, a naturalização das opressões no meio teatral é algo que se enraizou ao longo dos anos. Mas, sentir a coerência entre falas e atitudes, ações, práticas, forma e conteúdo, ver a entrega daquele grupo em cena por quase duas horas em uma noite de muito frio, fazendo arte com prazer e se divertindo em cena. É assim que quero seguir acreditando e fazendo arte: com corações abertos e pisando com os pés descalços em terras vermelhas.



MUITA ADAPTABILIDADE, UM POUCO DE INTELIGÊNCIA E ALGUMA PERSPICÁCIA

João Marcos Dadico Sobrinho



De tempos em tempos, deparo-me com as imagens de um tempo diferente. Hoje e ontem parecem quase dançar juntos num *pas-de-deux* caótico. Este “eu” de hoje não existiria sem o “eu” de ontem, daquele tempo muito diferente mesmo, *terabytes* de diferença. Geração X, Y, Z, milenial, Alpha, Beta, etc.. Na conexão *ethernet* do hoje, viajam *petabytes* de luz na fibra, onde habitam os “ontens” analógicos.

Acompanhar a transição do mundo analógico para o mundo digital requer muita adaptabilidade, um pouco de inteligência e alguma perspicácia. O “eu” de hoje, que recebe e envia dados a cinco *gigabytes* por segundo, ainda vai dormir ouvindo aquele chiado ressonante e confuso da linha telefônica - que anunciava mais uma madrugada de horas de atualizações do meu sistema operacional.

Em três décadas, desde a minha adolescência, acompanhei muitas transformações, junto com muita gente. O “eu” de ontem deve muito às escolhas de um “eu” mais anterior ainda, que dançaram juntos sua dança analógica fora do universo digital para viverem uma outra realidade inventada. Mesmo com todas essas experiências e inteligências à minha disposição, o “eu” de ontem escolheu a vida no teatro para o “eu” de hoje. Uma vida inteira para viver o teatro.

É claro que essa escolha não veio cheia somente de alegrias, não existe o maniqueísmo na humanidade, tudo tem suas tristezas, saudades e decepções. Porém, ainda que tenha errado muito, tenho muito orgulho dos meus acertos. Talvez, um dos maiores



acertos tenha sido participar do processo seletivo, em 2010, de professor substituto na Universidade Federal da Grande Dourados, sendo aprovado no certame.

Quando me mudei para Dourados, em meados de 2011, pude acompanhar dois acontecimentos maravilhosos do teatro douradense.

O primeiro acontecimento foi a finalização do processo de criação e a estreia da peça *Era Pra Ser Outra Coisa*, sob direção do professor Gil de Medeiros Esper. Se não me engano, acho que foi a primeira montagem do docente no Teatro Municipal de Dourados. Uma peça de colagens extremamente poética e sensível, em que o texto e a imagem foram milimetricamente sincronizados, sejam os diálogos, sejam as trilhas sonoras. Tudo, absolutamente tudo, era tão carregado de sentimentos e sentidos. O elenco, extremamente coeso e entregue para a criação, fazia de suas presenças estacas humanas, que fincavam uma nova fronteira na arte douradense, de um teatro universitário pioneiro, que avançaria cada vez mais Mato Grosso do Sul adentro. Foi também o primeiro trabalho técnico que realizei junto com o Rodrigo Bento Correia¹³. Essa não foi a primeira montagem da UFGD no Teatro Municipal, mas acredito ter sido uma das primeiras montagens de dramaturgia de colagens realizada pelo curso, apresentado na cidade.

O segundo acontecimento maravilhoso que acompanhei após minha mudança foi a possibilidade

13 Artista visual e servidor técnico da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, locado na Faculdade de Comunicação, Artes e Letras - FALE, compondo a equipe do Núcleo de Artes Cênicas - NAC.



de trabalhar na produção do Festival Internacional de Teatro - FIT de Dourados, que era promovido pela Coordenadoria de Cultura da UFGD, sob coordenação do poeta Emmanuel Marinho, na época. A existência desse festival em Dourados certamente era uma das coisas mais incríveis que pude presenciar na vida e a sua ausência, atualmente, deve ser tratada como um punhal cravado no coração da cultura douradense. As possibilidades de intercâmbio entre discentes, profissionais locais, nacionais e internacionais, a variedade de espetáculos e formas de fazer teatral, a capacidade de apropriação técnica que o Teatro Municipal em funcionamento permitia, tudo era como estar no paraíso do teatro, em que cada dia era uma nova criação, um novo desafio e uma nova plateia.

No entanto, desde o golpe político-parlamentar sobre a presidenta Dilma e o nefasto período de cortes nos financiamentos públicos das universidades federais, levados a cabo até o dia de hoje, sem nenhuma perspectiva de aumento de aportes, e o sucateamento do Teatro Municipal de Dourados, empenhado pela prefeitura municipal desde então, o Festival Internacional de Dourados foi uma das primeiras baixas, após inclusive uma última edição um tanto desastrosa, empenhada por administrações não tão comprometidas com a cultura como foi a gestão do professor Damião Duque de Farias.

De 2011 a 2016, era possível realmente chamar esse festival de internacional. Nesse sentido, peças



dos mais diversos países da América do Sul, como Argentina, Peru, Colômbia, por exemplo, compunham a programação com grupos de São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina, entre outros, juntamente com a produção sul-mato-grossense de teatro.

Agora, retomada a normalidade da gestão universitária, após o período de intervenção presidencial na nomeação da reitoria, a cada ano que se passa, ainda se espera, ansiosamente, que o FIT possa ser retomado e uma nova edição aconteça, uma vez que a Coordenação de Cultura está tão ativa, realizando tantos projetos. A Orquestra da UFGD, a Mostra Audiovisual de Dourados, as Bolsas Cultura e a articulação de todo um calendário de produções anuais fazem parte da gigante jornada do professor Gil de Medeiros Esper à frente da gestão de Coordenadoria de Cultura mais exitosa que essa universidade já viu.

Acompanhar o processo de ampliação do panorama cultural de uma cidade após a fundação de um curso superior de artes cênicas, como aconteceu em Belo Horizonte, em 1999, quando abriu o curso de Artes Cênicas, (tendo eu me formado pela quarta turma), e que acontece também aqui em Dourados desde 2009, com a abertura do curso, foi uma das muitas razões pelas quais eu quis permanecer aqui. Logo após o término do meu contrato de longos dois anos com a UFGD, fui aprovado para o mestrado em Letras e um ano depois consegui passar no concurso para professor efetivo.



Nunca conseguiremos solucionar todos os problemas sozinhos. Arnaldo Alvarenga¹⁴ conversou comigo com muita gentileza quando se aproximava a minha formatura. Já vi muitas pessoas ao final do curso fazerem as mesmas perguntas que já fiz ao querido professor Arnaldo; “e agora?”; “o que eu faço com tudo isso que eu sei?”; “como eu misturo tudo o que eu sabia antes com o que eu aprendi agora?”

Descobrir nossas peculiaridades e potências requer muita adaptabilidade, um pouco de inteligência e alguma perspicácia. Nada mais lógico do que, de alguma forma, transmitir essas experiências e compartilhar mais um jeito de fazer. Ensinar um caminho, seja como ator, como diretor, como iluminador, etc. Porque o “eu” de hoje conseguiu aprender com o “eu” de ontem que o teatro é uma arte extremamente contagiante. Um contágio bom, que se espalha pelo ar e pela luz, toca nossos tímpanos, nosso nervo óptico, que se espalha por todo o corpo e pronto... nunca mais seremos iguais!

As possibilidades de trabalho fora do teatro são como os obstáculos, e a vida no teatro é a linha de chegada. Cada *blackout*, cada estrondo de aplausos na sala escura, é como uma vitória. Poder viver essa sensação e transmiti-la para outras pessoas é algo que

14 Arnaldo Alvarenga é dançarino, professor, coreógrafo e pesquisador. Trabalha com preparação corporal, para atores, cantores líricos e populares, bem como para a maior idade. Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais, onde integra o corpo docente dos cursos de Graduação em Teatro e do Curso de Dança - Licenciatura, da Escola de Belas Artes.

não tem como definir em palavras, ou tem? Tem sim, chama-se teatro, a escolha mais acertada para uma vida inteira de dúvidas.

Uma vida inteira em que nunca estive sozinho nessa corrida. Foram parentes, amigos, colegas, parceiros, colaboradores, conhecidos, enfim, nunca fiz teatro sozinho. Acho até que ninguém consegue fazer teatro sozinho, são sempre muitas pessoas envolvidas em transmitir essa sensação “teatro” para a plateia. Agora, o “eu” de hoje, por escolhas e oportunidades, é professor de teatro na melhor universidade de Mato Grosso do Sul. E a sensação “teatro”, que é tão analógica, transmite-se a cada vez mais pessoas, em cada rosto ansioso na sala de aula, ávido para buscar viver suas próprias experiências. E eu só tenho a agradecer aos meus “eus” e aos “eus” que me acompanham, por tantas correrias, tantos sofrimentos, mas, ainda assim, sempre, por mais alegrias, com muita adaptabilidade, um pouco de inteligência e alguma perspicácia.







DO CORAÇÃO DE GLÓRIA ÀS ASAS DO TEATRO: A JORNADA DE UM SONHADOR

José Manoel de Souza Junior



De Glória de Dourados ao Palco da Vida

Era uma vez um menino que cresceu em uma pequena cidade chamada Glória de Dourados, em Mato Grosso do Sul, onde as ruas tranquilas e os rostos conhecidos criavam um ambiente acolhedor. Desde cedo, ele se via fascinado por histórias. As narrativas contadas em conversas de família ou encenadas na escola tinham o poder de transportá-lo para universos paralelos, em que tudo parecia possível. Ele tinha uma curiosidade insaciável por entender o que fazia as pessoas rirem, chorarem ou refletirem. Ainda adolescente, começou a se envolver com peças locais, dirigindo e atuando em pequenos espetáculos com crianças. Embora os recursos fossem escassos e o alcance limitado, ele se dedicava com paixão, experimentando formas de contar histórias que cativassem seu público.

Mas algo dentro dele sempre sussurrava que aquele palco improvisado era pequeno demais para a grandeza de seus sonhos. Ele sabia que precisava ir além, explorar horizontes que ainda desconhecia. Quando chegou a hora de decidir seu futuro, optou por seguir um caminho pouco convencional em sua região: o teatro. Assim, deixou a segurança de sua cidade natal para ingressar no curso de Artes Cênicas na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

A Jornada na Universidade: Encontro com o Teatro e a Pesquisa

A chegada à universidade foi um choque cultural. Ele, que vinha de um contexto em que o teatro era



uma expressão quase artesanal, encontrou um universo vasto e complexo. As aulas de teoria, interpretação e história do teatro abriam portas para mundos que ele nunca imaginara. O contato com obras de grandes dramaturgos, como Bertolt Brecht e William Shakespeare, ampliava sua visão sobre o potencial transformador do teatro.

Foi nesse período que ele percebeu uma conexão especial entre teatro e música. As aulas de sonoridade e ritmo revelaram que o som não era apenas um adereço na cena, mas também uma linguagem completa que podia dialogar com a narrativa, o espaço e o público. Movido por essa descoberta, ele começou a explorar o papel do som na dramaturgia, investigando como a música e a voz podiam transformar a experiência teatral.

Ele viveu momentos inesquecíveis no palco. Em “A Alma Boa de Setsuan”, de Bertolt Brecht, interpretou um aguadeiro em uma produção que desafiava o público a refletir sobre questões sociais e éticas. O teatro épico de Brecht, com suas músicas incisivas e seu distanciamento crítico, foi uma revelação para ele.

Já em “Pixando Tu Imagen”, inspirado em Marcelo Rubens Paiva, ele mergulhou em um universo fragmentado, onde crises existenciais e conflitos familiares eram explorados através de uma narrativa não linear. A música nesse espetáculo era caótica, refletindo as emoções intensas dos personagens e criando uma experiência imersiva para o público.

O papel de diretor também foi decisivo em sua trajetória. No trabalho de conclusão de curso, assu-



miu a direção geral e musical da peça “Sobre Aquele Velho Recinto Chamado Fim”, um espetáculo baseado na obra “Romeu e Julieta”, que explorava temas de despedida e renascimento. A sonoridade do espetáculo foi meticulosamente pensada para criar uma atmosfera de melancolia e introspecção, envolvendo o público em uma experiência que ia além das palavras.

Antes mesmo de concluir a graduação, ele iniciou uma especialização em Teatro, Poéticas e Educação. Esse novo ciclo formativo aprofundou sua compreensão sobre como o teatro podia ser usado como ferramenta pedagógica e social. Ao mesmo tempo, ele começou a desenvolver sua habilidade como pesquisador, unindo prática e teoria em uma busca incessante por novas formas de expressão.

Professor e Artista: O Despertar do Educador

Entre 2017 e 2019, ele recebeu uma oportunidade que mudou sua vida: tornou-se professor substituto no curso de Artes Cênicas da UFGD. A experiência de ensinar foi transformadora. Ele percebeu que a sala de aula não era apenas um espaço de transmissão de conhecimento, mas também um local de troca, onde ele podia tanto ensinar quanto aprender.

Ministrar disciplinas como Teoria Musical e Percepção Auditiva foi um desafio e um privilégio. Ele adorava ver os olhos dos alunos brilharem ao descobrir que a música podia revelar camadas emocionais em uma cena. Na disciplina Música e Cena, ele



incentivava os estudantes a experimentar, quebrar regras e descobrir como o som podia ser tão eloquente quanto a palavra.

Mas nenhuma experiência foi tão marcante quanto dirigir “Bendita, Maldita Pensão”. Inspirada em Plínio Marcos, a peça foi montada em uma casa antiga no centro de Dourados, criando um cenário íntimo e visceral que tocou profundamente o público. Ele se lembra com emoção das noites de ensaio, quando a turma trabalhava incansavelmente para dar vida a personagens complexos e cheios de contradições. A peça foi mais do que uma produção teatral – foi um rito de passagem, tanto para ele quanto para os estudantes.

Explorando a Dramaturgia Sonora

Ao longo de sua trajetória, ele desenvolveu uma paixão especial pela dramaturgia sonora. Fascinado pelo poder da música e do som, começou a explorar como esses elementos podiam transcender a função de apoio e se tornar protagonistas na cena teatral.

No mestrado em Letras, Linguística e Transculturalidade, ele aprofundou essa pesquisa. Sua dissertação analisou como sons e narrativas se cruzavam na montagem de “O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna, revelando camadas emocionais e simbólicas que muitas vezes passavam despercebidas. Ele se dedicou a investigar a voz do ator como instrumento musical, capaz de traduzir sentimentos e atmosferas de maneira única.



Ao lado de seus amigos e professores Marcos Chaves e Ariane Guerra, e de seu amigo artista Rodrigo Pera, ele fundou a *Cia Última Hora de Artes Cênicas*, um coletivo que nasceu nos corredores da universidade e rapidamente se expandiu para o cenário artístico da região. Espetáculos como “A Menina Sem Chapéu e o Lobo Que Não Era Mau” e “Tristão e Isolda”, ambos frutos de trabalhos acadêmicos, foram as primeiras peças da companhia, cujo espaço foi de experimentação, onde ele pôde explorar novas linguagens cênicas e aprofundar sua pesquisa em dramaturgia sonora.

Produções como “Fragmentos de Corpos Urbanos” e “Meu Mano Humano” foram marcantes. Enquanto a primeira explorava as tensões e os conflitos da vida urbana, a segunda abordava questões de identidade e pertencimento, sempre com uma abordagem inovadora e sensível.

Hoje, ele vive em Três Lagoas/MS, onde trabalha como professor e técnico pedagógico. Suas experiências no teatro e na pesquisa influenciam diretamente seu trabalho nas escolas, especialmente no desenvolvimento do ensino de Artes. Ele acredita que o teatro pode transformar vidas, estimulando a criatividade, a empatia e o pensamento crítico em crianças e jovens.

A história que você acabou de ler é a minha. Meu nome é José Manoel de Souza Junior, mas muitos me conhecem como Júnior Souza. Sou músico, ator, diretor e educador, e minha trajetória é uma busca constante por formas de contar histórias que toquem o coração e transformem vidas. Assim como o Curso



de Artes Cênicas Mudou minha vida, espero que essa história autobiográfica possa inspirar outros jovens.

CAMINHADAS

José Parente



Em primeiro lugar, quero dizer que me sinto muito feliz e honrado pela oportunidade de participar desta publicação que marca um momento tão especial na trajetória da nossa querida UFGD que é o seu aniversário de vinte anos. Nosso curso de Artes Cênicas é parte importante dessa história, desde o ano de 2009, quando a saudosa primeira turma iniciou os seus estudos. De lá para cá, o curso vem cada vez mais marcando sua presença na região, formando artistas, docentes, pesquisadores, produtores, pessoas que, com seu trabalho, contribuem para o desenvolvimento humano por meio da arte do teatro.

Minha jornada pessoal na Universidade e no curso teve início em 2010, quando cheguei a Dourados, vindo de São Paulo, minha cidade natal, junto com minha esposa e minha filha. Portanto, em 2025, completo 15 anos de trabalho ininterrupto, exceto por um breve período de alguns meses para capacitação, de modo que, quando penso sobre o que narrar no espaço deste pequeno relato, a dificuldade é justamente a escolha do que contar.

Quando penso nessa trajetória ao longo desse tempo, muitas vezes, o que me vem à mente são fatos corriqueiros, coisas comuns do dia a dia do curso. Por exemplo, eu me lembro de que naqueles anos iniciais ainda não existia o Núcleo de Artes Cênicas (NAC), um espaço maravilhoso, com salas amplas, todo equipado, perfeito para aulas práticas e montagens. As atividades aconteciam em salas de aula comuns, dessas cheias de cadeiras. Desse modo, a primeira coisa a



ser feita antes das aulas de Atuação, por mim e pelos estudantes, era, antes de mais nada, afastá-las, ou colocá-las no corredor. O barulho de cerca de 30 ou 40 estudantes fazendo exercícios corporais e vocais quase sempre incomodava os colegas do curso de Letras, com quem dividíamos o prédio da faculdade. Com paciência, procurávamos explicar que o curso de Artes Cênicas tinha suas especificidades e que o ruído era, até certo ponto, inevitável. Quando o prédio do NAC foi entregue foi uma felicidade, tanto para nós quanto para eles...

Falando em Atuação, tenho um carinho especial por essa disciplina, principalmente pelo primeiro módulo dela, que é oferecido logo de cara, no primeiro semestre. Ela é, digamos assim, a porta de entrada da parte prática do curso, em que os estudantes, muitos dos quais sem nenhuma experiência anterior em teatro, começam a dar seus primeiros passos, a sentir o que é estar em cena, praticar o trabalho em grupo, criar esboços de personagens e tudo mais. Ministrei esse conteúdo muitas vezes, mas, para mim, é sempre uma emoção encontrar pela primeira vez aquele grupo de pessoas tão diversas. Geralmente, começo com o famoso “vamos fazer uma roda...”. Enquanto eles e elas se apresentam, falam de seus sonhos e expectativas, eu fico me recordando do meu próprio início no teatro, há mais de quatro décadas. Percebo, em muitas daquelas falas, minhas próprias dúvidas, questionamentos e esperanças refletidas. Embora ali eu esteja exercendo o papel de professor, sinto que aqueles jovens, a partir



de agora, são também meus companheiros, membros da grande tribo do teatro. Assim como eu, eles, em algum momento da vida, foram “contagiados” e decidiram procurar uma formação superior. Isso de alguma forma nos torna cúmplices.

O que leva alguém a querer seguir a carreira artística? Geralmente, as famílias não apoiam, seja por conta de preconceitos, seja por receio de que seu filho ou sua filha não consiga um salário fixo mensal que lhe permita viver com dignidade, entre outros motivos. Sabemos também que o ensino de Arte, de uma forma geral, não é valorizado pelos nossos sistemas educacionais. Muitos dos nossos estudantes recém-chegados sequer viram um espetáculo de teatro na vida. Com tantos fatores contrários, não deixa de ser admirável que, em todos os anos, tenhamos uma turma relativamente grande de estudantes que nos procuram. “De onde veio o interesse de vocês pelo teatro?”, eu pergunto. Há os que sonham com a fama e o sucesso, a partir da referência da indústria do audiovisual. Muitos sentem aquele gostinho ao participarem de uma peça amadora na igreja ou na escola. Uma figura frequente nas respostas é a do professor ou professora (geralmente de Português) que, por iniciativa própria, incentiva os estudantes a produzir e apresentar peças, às vezes assumindo a direção. E há os que simplesmente não têm nenhuma razão objetiva, apenas sentem que gostam e que é isso que querem fazer, mesmo sem nenhuma experiência ou contato anterior.



“Vocês são pessoas especiais. Parabéns pela escolha. Sejam muito bem-vindos. Podemos começar? Peço que todos fiquem de pé. Agora vamos caminhar pelo espaço...”

As montagens e as apresentações públicas de cenas, os experimentos e os espetáculos sempre geraram muitas histórias no mínimo curiosas. Lembro-me de um caso que aconteceu em uma das disciplinas de Atuação que eu ministrava para a 2ª turma do curso. Um grupo de estudantes resolveu incluir no seu exercício final um coração real de um boi, ou porco, não lembro. Bem, o resultado foi impactante para todos os que presenciaram e a cena foi muito elogiada. Só que houve um pequeno lapso: terminada a apresentação, o grupo simplesmente descartou o órgão no lixo comum. No dia seguinte, a funcionária da limpeza quase desmaiou de susto! Afinal, não é todo dia que você encontra um coração de verdade na cesta do lixo...

Como diretor/professor, tive a oportunidade de conduzir muitos processos de montagem com os estudantes que foram de grande valor pedagógico e artístico. Em alguns momentos, estávamos, de fato, fazendo um teatro aprofundado, com pesquisa e engajamento de todos os envolvidos. Recordo-me, por exemplo, do saudoso *Coletivo Moenda*, um grupo formado por estudantes do curso que, entre os anos de 2013 e 2018, circulou pelas ruas e pelas praças da cidade com o espetáculo “Amizade é Uma Coisa, Farinha é Outra”. Esse projeto levou cerca de um ano para ficar pronto, feito de forma totalmente independente, sem o apoio



de editais, impulsionado unicamente pelo desejo do grupo de fazer teatro.

Outro processo muito interessante foi a montagem de “A Vida de Galileu”, de Brecht, com a 10ª turma do curso, em 2019, pelo diálogo que se estabelecia entre o espetáculo e aquele momento específico. Vivíamos o primeiro ano do governo Bolsonaro. Período pré-pandemia, em que assistíamos, com medo e preocupação, ao avanço do autoritarismo, da ignorância assumida como virtude, do negacionismo científico e histórico com todas as suas consequências desastrosas. Inclusive a própria Reitoria da UFGD passava por uma intervenção. A história do cientista do século XVI que ousou desafiar o dogma da igreja da época, segundo o qual a Terra era o centro do universo e que, por isso, quase é condenado à morte, era uma metáfora perfeita para aquele contexto.

Mais recentemente, em 2024, dirigi “Vereda da Salvação”, texto de Jorge Andrade, com o pessoal da 14ª turma. Foi outro processo bastante longo e intenso, em que tudo convergiu: a entrega do elenco, a direção, os elementos visuais e sonoros; tudo resultou em um trabalho emocionante, em total ressonância com o momento atual.

As histórias que vivi e presenciei até aqui no curso de Artes Cênicas certamente dariam um livro. Quem sabe um dia eu escreva um. Por enquanto, encerro por aqui esses breves apontamentos. Estou certo de que todo esse percurso foi e está sendo fundamental em meu processo de crescimento como docente, artista e, principalmente, como ser humano. Sou muito grato por isso.



**A MIRADA DA MÃE
SOBRE O SEU
ATUAR-PRODUZIR-
EDUCAR EM
TEATRO OU O QUE
APRENDI COM A
MATERNIDADE E
COM UMA ARTISTA-
ORIENTANDA-
ESTUDANTE**

Júnia Cristina Pereira



Introdução

Em janeiro de 2022, eu e minha esposa iniciamos um tratamento de fertilização *in vitro*, dentro de um dos poucos programas gratuitos do país, ligado a uma residência em reprodução assistida da UFMG. Eu sempre quis ser mãe, mas, além de estar em um relacionamento homoafetivo, estava, também, muito ocupada até para perceber que já estava chegando à idade limite para gestar. Eu não conseguia priorizar a maternidade, eu não conseguia parar para pensar nisso. Atuar, produzir e educar em teatro: era tudo o que eu fazia desde os dezessete até os trinta e nove anos, e posso dizer que não vi o tempo passar.

Quando engravidei, além das minhas atividades regulares de ensino no Curso de Artes Cênicas da UFGD, eu coordenava um amplo projeto de extensão e também atuava em atividades ligadas a minhas pesquisas e ao Curso de Artes Cênicas, no elenco de três espetáculos, em três grupos diferentes, e na produção e no elenco de um quarto espetáculo, além de participar de um outro grupo artístico e cultural, ligado à percussão e ao feminismo.

No processo de exames e procedimentos que levaram à fertilização *in vitro* e à implantação do embrião, já comecei a sentir os efeitos de uma repentina baixa produtividade artística e acadêmica e pude perceber como isso me lançou, de chofre, no isolamento social e profissional. Recebi solidariedade, mas muita incompreensão também. Esse processo de isolamento se aprofundou no início da minha gestação, quando



tive que ficar cerca de três meses em repouso devido a um deslocamento de placenta, o que culminou no puerpério, do qual estou saindo com a certeza de que minha mirada nunca mais será a mesma, para nada.

A mirada dos outros

Quando eu estava aprendendo a amamentar, não dormir, amar, cuidar, sobreviver, cuidar da vida de uma bebê e das exigências da vida que nasce, comecei a perceber, lançados sobre mim, os olhares dos outros, que se materializaram em palavras de pessoas próximas:

“Todo mundo tem problemas, inclusive filhos”

“Mas como você não consegue? De manhã sua esposa não está em casa?”

“Cuidado para não se anular: se você largar tudo, irá se arrepender”

“Você mudou, está triste depois do parto, precisa fazer terapia para resolver sua tristeza”

Tais falas me atingiram num momento de extrema vulnerabilidade, e, ditas por pessoas próximas, evidenciaram ainda mais o trajeto solitário que eu estava percorrendo na maternidade. De certa forma, eu me sentia cobrada a produzir, ser feliz, provar que continuaria a ser o que era e a fazer o que fazia, que minha filha e minha maternidade não iriam “me atrapalhar” na Universidade e na Arte. Eu tinha que provar que continuaria tendo “um teto todo meu”, condição já identificada por Virgínia Woolf para a produção inte-



lectual feminina, mesmo que esse teto fosse mantido às custas do trabalho de outra mulher. Eu não podia me entregar à maternidade: isso era perigoso, poderia me desvalorizar, ou, talvez, até me excluir do espaço acadêmico e artístico.

A mirada da mãe

Antes de ser mãe, eu me dedicava integralmente ao trabalho. Isso era algo tão naturalizado em meu cotidiano, que nunca percebi como excessivo. Se havia algum tipo de percepção desse excesso, creio que era algo do que me orgulhava, já que suportar o excesso de trabalho pode ser visto como uma distinção no mundo profissional, sempre tão competitivo. De certa forma, tanto o teatro quanto a educação exigem uma dedicação extrema, e, para quem, como eu, vem de camadas populares e consegue chegar até a Universidade, na maior parte das vezes, é porque treinou o superesforço desde a infância até que se tornasse naturalizado.

A partir da minha experiência como mãe, mudei muito a minha percepção do trabalho artístico e docente. Percebi o quanto o trabalho teatral, artístico e acadêmico pode ser excludente, e evidenciaram-se condições de trabalho às quais eu havia me acostumado e que sempre foram muito ruins. A maternidade me ensinou a resistir a pressões e colocar limites para as demandas profissionais, respeitando meus horários de folga, mesmo que isso signifique “perder o meu valor” social e acadêmico. Certamente, eu só

pude exercer essa resistência devido ao fato de ser uma servidora estável.

A mirada da professora aprendiz

Em um momento difícil, em que me sentia perdida em relação ao fim da licença maternidade (Como voltar para onde estava se já não sou mais a mesma?), lembrei-me da performance de uma estudante. Em 08 de março de 2020, Dia Internacional da Mulher, poucos dias antes do início da pandemia de COVID-19, estávamos em muitas mulheres no Parque do Lago, tocando percussão, cantando, entoando nossos lemas, e essa estudante e artista realizava a ação de carregar um balde pesado, cheio de leite. Algumas mulheres se ofereceram para ajudar a carregar. Tratava-se da performance “Sobre chorar o leite derramado”, realizada originalmente numa disciplina do Curso de Artes Cênicas, a qual somente acessei nesse dia tão simbólico que é o 08 de março. No fim da minha licença maternidade, em setembro de 2023, a cena da artista carregando o seu balde de leite e da outra mulher a ajudando me veio à memória. A artista, durante a performance, também havia escrito frases em seu corpo, frases ouvidas por ela e por outras mães.

Tive a honra de orientar essa artista em seu trabalho teórico de conclusão de curso, um ano antes de assistir a essa sua performance, e me lembro bem do quanto ela era brilhante e muito dedicada. Lembro-me, também, de uma vez, em nossa relação de orientação, em que lhe cobre a perda de um prazo.





Nem eu nem ela sabíamos, mas naquele momento em que ela perdeu um prazo, ela já estava grávida. Defendeu o seu Trabalho de Conclusão de Curso em 2019, grávida, ao mesmo tempo em que fazia um Mestrado em outra área de estudo, lecionava, atuava, escrevia e produzia um dos mais belos espetáculos produzidos no Curso de Artes Cênicas. Mas foi somente em 2024 que ela realizou a colação de grau, pois precisou de todo esse tempo para se organizar para terminar o Curso – creio que faltavam uma ou duas disciplinas.

Foi preciso que eu vivenciasse a maternidade para poder retomar a vivência que tive com essa artista-orientanda-estudante e aprender com ela. Ela me ensinou a não ter vergonha de meu balde pesado de leite, ela me ensinou que é possível retornar cinco anos depois para pegar um diploma e tornar esse momento inesquecível. Ela entrou em sua formatura com seu filho, os dois de beca, e tive a honra de lhes entregar o diploma, junto a outro professor. Mas era ela e seu filho que estavam me ensinando.

Considerações Finais

Mirar desde a maternidade é mirar desde o lugar da vulnerabilidade e do cuidado. Ao olhar para a maternidade, podemos estender o nosso olhar para as pessoas idosas, as pessoas com deficiência e as pessoas doentes. A Arte e a Universidade estão abertas para essas pessoas?

Quando iniciei meu caminho na Arte e na Universidade, acreditava sempre que elas poderiam mudar



o mundo e as pessoas. Ainda acredito. Mas hoje, com minha mirada de mãe e o que aprendi com Amanda Pessoa, tenho observado o quão urgente é que a vida mude as artes e a universidade. Que os produtivismos acadêmico e artístico deixem de estar cegos à produção de vida e de subjetividades. Que as dinâmicas, os ritmos e as diversidades próprias da vida sejam consideradas no processo de atuar, produzir e educar em teatro.







COSTURAR HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Karla Neves



Encenação – Entre os caminhos traçados e os gritos calados

Relembrar histórias, rever memórias, tantas são as vivências, desde 2015, quando cheguei a Dourados, junto ao curso de Artes Cênicas, seja como professora substituta, seja como colaboradora convidada em projetos de extensão ou montagens de TCC. Entendo o teatro como manifestação pessoal, coletiva, transformada em arte através de diversas escolhas e perspectivas, de técnicas teatrais e compreensão social. Esses processos de criação estimulam atrizes/atores e público para uma experiência artística sensorial, para a criação de vínculo entre artistas criadoras/es, e entre artista e obra, entre obra e sociedade.

Em 2016, como professora substituta do curso de Artes Cênicas, tive a oportunidade de ministrar a disciplina de Encenação III para a sexta turma. A ementa da disciplina propõe uma montagem que visa a um processo artístico em que a encenação ou a montagem teatral não sejam oriundas do texto dramático, uma proposta de encenação baseada nos conceitos pós-dramáticos em que a construção da encenação parte de uma pesquisa através de diversos elementos teatrais.

Para essa proposta, criei e apresentei um plano de encenação que pudesse abordar elementos do teatro na construção da encenação e da dramaturgia, oriundos dessas construções.

Primeiro momento – pensar sobre o que queríamos falar, sobre que história contar, como queríamos contar.



Então começamos uma pesquisa sobre encenação, elementos de encenação, aulas teóricas sobre encenadores/as e suas pesquisas, com o objetivo de criar, de forma coletiva, uma proposta para descobrir o tema gerador e as estéticas teatrais que desejavam realizar. Com isso, surgiu a proposta de uma pequena cena, performance que abordasse sobre o que cada estudante gostaria de falar e qual estética ou proposta de atuação gostaria de realizar. Para a criação de cenas iniciais, trouxe como provocação e estímulos o seguinte texto/poema:

Se eu fosse Encenação
Que cheiro
Que gosto
Que imagem
Tem sua cena
Tem texto
Qual ruído
O que eu quero falar
O que eu quero calar
O que eu quero encenar
O que eu quero

As apresentações das cenas/performances trouxeram angústias, desejos, histórias, textos teatrais. Mas, o que mais continha na maioria das cenas/performances era memórias, memórias da família, memórias da infância, memórias de textos dramáticos de encenações e criações de cenas que haviam realizado em outras disciplinas do curso. Então, entendemos que queríamos tratar de memórias. Outro aspecto comum e curioso



nas cenas/performances apresentadas era a memória de fatos da história da humanidade que envolviam opressões, principalmente por raça e gênero. Formas de opressões que torturavam de maneira física e psicológica seres humanos e acabavam criando caminhos.

A partir dessas descobertas e apontamentos em comum, memórias e opressões que traçam caminhos, que acabavam definindo seres humanos. Um dos alunos da turma, a partir desses elementos, iniciou a produção de dramaturgia para a peça e, do processo, surge o nome do espetáculo: *“Entre os caminhos traçados e os gritos calados.”*

Criamos e dividimos a turma em grupos de interesse de pesquisa nos elementos de encenação, grupos de dramaturgia, atuação, cenografia, figurino, iluminação e sonoplastia. Na turma, não houve desejo por pesquisar direção, então, esse grupo eu assumi em conjunto com o grupo de atuação, refletindo sobre quais estéticas teatrais desejávamos pesquisar para utilizar no espetáculo.

Através das cenas/performances apresentadas, foi possível perceber o desejo de interação com o público, os elementos sensoriais nas cenas, os espaços de representação apropriados para a encenação, e chegamos, em comum acordo, à conclusão de que, através dessa amostragem, partia a vontade de uma estética de encenação de teatro performativo.

Pesquisamos sobre a construção de um espetáculo performativo e sobre performatividade. Inspiradas na leitura do livro *“Entre o ator e o performer”*, de Matteo



Bonfitto, encontramos possibilidades de uma dinâmica performativa que não fica “entre”, mas possibilita o “através”, o atravessamento.

Utilizamos diversas técnicas, jogos e exercícios teatrais. Além disso, utilizei, como referência, “*O livro dos Viewpoints*” de Anne Bogart e Tina Landau, experimentamos as técnicas de dança-teatro da obra de Pina Bausch e a construção de partituras corporais a partir de pesquisa em qualidade do movimento de Rudolf Laban. Os exercícios foram realizados na disciplina de Técnicas e Poéticas do Corpo II, que trabalhei com a turma no mesmo período da encenação. A prática e os exercícios de pré-expressividade, os movimentos extracotidianos de Eugênio Barba, as práticas e os exercícios do arsenal do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, entre outras práticas teatrais, foram inseridas no plano de encenação.

Costuramos narrativas, textos dramáticos de Ibsen, Samuel Beckett, Bertolt Brecht, textos dramáticos criados pelos/as estudantes. O grupo de sonoplastia pesquisou e trouxe músicas para construção de uma narrativa musical, o grupo de cenografia e figurino trouxe as possibilidades de visualidade como construção de narrativa. O figurino todo vermelho, com máscaras no rosto, máscaras inspiradas em máscaras de tortura, o andaime, as arquibancadas como cenário, o público assistindo de pé, um bolo vermelho assando durante o espetáculo, servido para o público quando termina de assar, todas essas propostas em conjunto com a pesquisa em interatividade construíam a narrativa de



costuras do espetáculo performativo. Também tivemos a colaboração dos professores Igor Schiavo na dramaturgia e na sonoplastia, Michel Mauch na direção de atriz/ator, Gil Esper na iluminação, e do técnico Vinícius Oliveira no processo de construção de cenas.

Segundo momento - pensar o público, pensar para quem fazemos teatro?

Quais sensações queremos provocar no público para além do texto? Onde queremos o público? Foi através da pesquisa em interatividade e performatividade que escolhemos um trajeto e um roteiro para o público que fosse fundamentalmente sensorial, buscando sensações diversas.

Quando o público chegava à entrada da caixa preta, encontrava uma instalação com imagens, fios vermelhos, ovos quebrados e cozidos, todos esses elementos da instalação também apareciam durante o espetáculo, que iniciava na parte de fora da caixa preta, e a entrada para a segunda cena na caixa acontecia pela porta de saída de incêndio, porta que fica no fundo. Antes de entrar, o público recebia, como indicação, não sentar, pois as arquibancadas eram cenário e as cenas aconteciam em todo o espaço. O público assistiu ao espetáculo inteiro em pé, não existia espaço demarcado dividindo público e espaço de representação, as cenas ocorriam em diferentes espaços e também de forma simultânea, uma proposta de narrativa interativa do público com o espaço e com o espetáculo performativo.



Sobre costuras

O texto, a atuação e os elementos teatrais são uma grande costura que antes vem de uma imensa exposição da fissura, dos gritos calados, das histórias não contadas, das possibilidades de costurar memórias existentes e imaginadas para além do realismo, do simbolismo. A busca por uma estética da coletividade, um processo em que as relações existentes ou construídas atravessaram a construção de um espetáculo para a criação de uma obra coletiva. Um enorme afeto pela sexta turma e um imenso agradecimento pelos nossos atravessamentos e nossas costuras que seguem em nossas memórias.

Nós costuramos
Ideias e ideais
Estéticas e narrativas
Gritos
Histórias
Dores, cores, flores
Bitucas,
Encenação amores
Vermelhos Afetos
Memórias
Penas sensoriais
Dramático
Dançamos
Pós
Através das pessoas
Entre
Nós
Caminhos





DA BR-163 À CENA: PERCURSOS DE VIDA E ARTE

Luiz Eduardo Rodrigues Gasperin



Provocado pela questão “Pode a Arte mudar vidas?”, permito-me revisitar uma história que me pertence, mas que, hoje, consigo enxergar com mais maturidade e profundidade. Refiro-me ao jovem da região Conesul do Mato Grosso do Sul que, anos atrás, atravessava a BR-163 de segunda à sexta-feira — e, em alguns semestres, também aos sábados — rumo a Dourados/MS. As viagens, que somavam cinco horas diárias, não eram um sacrifício; eram parte de um sonho: cursar a tão esperada graduação em Artes Cênicas na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Naquela época, sendo sincero, eu não sabia exatamente o que a arte seria capaz de transformar em minha vida. Mas algo me movia: o desejo de compreender o teatro em sua essência, de me formar e, de alguma maneira, devolver ao mundo o que ele me oferecia. A BR-163, com suas paisagens repetitivas — ora um mar verde de cana-de-açúcar, ora de soja — tornou-se meu espaço de reflexão, aprendizado e construção do artista que sou hoje. Não era apenas um caminho físico entre cidades do interior, mas também um percurso simbólico de amadurecimento e descobertas.

O ônibus que me levava para a universidade também era uma sala de aula improvisada. Entre conversas com colegas de outras graduações na UEMS, na UFGD e na UNIGRAN, eu frequentemente me via explicando o que significava estudar Artes Cênicas. Para muitos, o teatro parecia algo distante, quase um luxo ou uma abstração. Para mim, era uma missão que eu aprendia a compreender aos poucos.



Lembro-me dos primeiros meses do curso, quando éramos os pioneiros — cerca de 60 estudantes aprovados na primeira turma de Artes Cênicas, no ano de 2009. O entusiasmo era tão grande quanto o desafio. Mais do que aprender, sentíamos o peso de representar algo maior: éramos a porta de entrada de uma ideia nova para o interior do estado. O teatro não era apenas um diploma que buscávamos; era uma linguagem que começávamos a levar para além da universidade, para as cidades e para as pessoas que encontrávamos pelo caminho.

Hoje, ao revisitar essa trajetória, percebo que não era apenas o curso que nos formava; nós, estudantes, também formávamos o curso. Cada conversa no ônibus, cada aula onde discutíamos teoria e prática, cada ensaio, cada luta por um espaço físico adequado, por um corpo docente especializado, por representatividade discente e por auxílio à permanência... Tudo isso contribuía para rabiscarmos o que viria a ser o teatro em nossas vidas. Aos poucos, ele ganhava forma e significado, tanto para nós quanto para as pessoas ao nosso redor.

Um dos acontecimentos mais marcantes desse início de trajetória foi minha participação no 2º Festival Internacional de Teatro de Dourados (FIT). Essa memória retorna sempre muito viva e intensa: setembro de 2009, de 08 a 16, no Teatro Municipal de Dourados, na Praça dos Ipês. Não participei apenas como estudante de Artes Cênicas, mas também como trabalhador voluntário em um evento organizado pela Coordena-



doria de Cultura (COC) da UFGD, então coordenada pelo ilustre poeta douradense Emanuel Marinho. Até aquele momento, eu só ouvira falar dele, mas tive a honra de conviver com sua liderança nos meus dois primeiros anos de graduação.

O festival, em sua segunda edição, abriu vagas para monitoria, oferecendo aos interessados a oportunidade de trabalhar junto às equipes do evento. Mesmo sabendo da longa fila de inscritos e tendo preenchido o formulário quase no prazo final, decidi me candidatar. E não é que deu certo? Fui escolhido para integrar uma das equipes responsáveis por atuar como “anjo” — um assistente local que acompanha e auxilia os grupos e as companhias de fora do estado e do país nas suas apresentações que compõem a programação do festival. O meu trabalho foi o de acompanhar os artistas paulistas Lígia Marina de Almeida e Guilherme Furtado, que apresentaram a contação de história *Gnomos de Gnu* em diferentes espaços da cidade de Dourados, voltados às crianças da rede pública escolar.

O contato com Lígia e Guilherme gerou distintos aprendizados para além da narrativa cênica. Aqueles artistas praticavam o ofício da arte-educação não de maneira convencional, mas por meio da troca de saberes. Um conhecimento que estava atrelado ao que nos ensinou Orlando Fals Borda (2015) ao propagar o *sentipensante* — um saber que alia razão e amor, o corpo e o coração. Ao longo da convivência com Li e Gui — a quem comecei a chamar carinhosamente assim — nossos diálogos iam além da cena. Falávamos



sobre a arte produzida nas diferentes regiões do país, sobre as semelhanças e as diferenças entre os ofícios de artista e educador no Brasil, e sobre o entrelaçamento de arte e vida. E, nesse intercâmbio, percebi algo muito importante: os ensinamentos e o conhecimento em arte são promovidos de modo dialógico e convivial, criando uma conexão profunda entre quem ensina e quem aprende.

Curiosamente, no mesmo ano, formei com um grupo de crianças e adolescentes, aos quais dava aula em Naviraí, uma obra artística alternativa que misturava música, teatro e dança, a partir das cantigas e das brincadeiras populares infantis. Quando chegou o momento de dar um nome para aquele grupo, decidi, de imediato, nomeá-lo de *Trupe Arte e Vida*.

O tempo passou, as trocas seguiram florescendo em cada novo e velho encontro. O *sentipensar*, a arte e a promoção dessa arte seguiram abrindo espaço e tempo em meus trilheiros de vida. Ora como estudante, ora como artista da cena, ora como educador; ora no Centro-Oeste, ora no Sudeste, ora no Sul; ora na rua, ora no palco, ora na praça, ora na sala de aula da educação básica. Cada novo encontro, cada novo aprendizado, era uma reafirmação de que a arte pode, sim, mudar vidas — e a minha foi profundamente transformada por ela.





O TEATRO LOTOU E CENTENAS DE PESSOAS FICARAM DE FORA

Marcos Machado Chaves



“De sua formosura, deixai-me que diga: é belo como o coqueiro que vence a areia marinha”. Esse trecho musical de Chico Buarque na poesia de João Cabral de Melo Neto – destinado à *Morte e Vida Severina* – também abria o espetáculo teatral *Auto da Compadecida* montado na UFGD que estreou em março de 2017. A música era um prenúncio, “é tão belo como um sim numa sala negativa”, revertia expectativas que podiam nos deixar em dúvidas... Arte é, sim, requerida (e muito) pela população!

Para imaginarmos o fim, que teve o Teatro Municipal de Dourados *abarroado*, em lotação máxima, e *muita gente* indo embora por não conseguir assistir à peça – para apenas um dia de apresentação nesse tradicional edifício teatral, vamos partir do início dessa proposta que teve a montagem de Ariano Suassuna no curso de Artes Cênicas da UFGD.

O grupo envolvido que produziu a peça foi a 7ª Turma de Artes Cênicas da UFGD. Pude dirigi-la com uma equipe primorosa, marcando minha primeira mediação à frente de uma grande montagem no “Projetão” do curso desde minha chegada às terras douradenses. Cheguei ao Mato Grosso do Sul no ano de 2013 para assumir a área de *Música e Cena*, oriundo do cenário gaúcho e de muitas vivências entre os campos artísticos do teatro e da música, para contribuir a semear pontes e projetos que mantenham a área híbrida teatral-musical cada vez mais forte em nossa região fronteiriça do Centro-Oeste brasileiro. Na montagem de Suassuna, vimos muita entrega e dedicação de todas as pessoas envolvidas.



Escolhemos a estética do circo-teatro e já sabíamos do potencial popular de reverberação da obra, pois muitas pessoas tiveram acesso a leituras ou a visualizações a respeito do *Auto da Compadecida*, que certa feita teve Fernanda Montenegro na tela como a Compadecida, em também brilhante atuação de Matheus Nachtergaele e Selton Mello como João Grilo e Chicó. E aqui, em solo sul-mato-grossense, tais referências ficaram na inspiração: novas caras e possibilidades foram criadas para interpretar as personagens.

Com um elenco forte e numeroso, 34 alunes em formação teatral, dividimos a turma nos três atos da peça: um elenco para cada ato. Ou seja, tínhamos três João Grilo, três Chicó, três Mulheres do Padeiro, três Padres João... Claro que algumas personagens só apareciam nos últimos atos como o Cangaceiro, a Compadecida, o Encourado, e, por tal, fora interpretado por uma ou duas artistas (presente/s em um ou dois atos), mas pense numa articulação/organização complexa e linda: um elenco vistoso com o palco cheio de energia atuando e cantando poesia (nos entreatos todas as atrizes e todos os atores apareciam a cantar e dançar).

O processo criativo foi prazeroso, embora com o calendário atípico e com o segundo semestre letivo (2016-2) iniciando no dia 03 de novembro. A turma, que tinha gente residindo em Dourados e em cidades com até 3 horas de distância rodoviária, iniciou a montagem da disciplina em novembro. No meio de dezembro, entramos em recesso e retornamos no meio de janeiro – a equipe combinou de voltar uma



semana antes do retorno das aulas para mergulhar novamente na peça, em imersão. E lá estávamos nós, criando matrizes corporais no meio de janeiro. As músicas foram especiais em nossa montagem, tanto as pesquisadas e adaptadas quanto as criadas exclusivamente para a peça. As inspirações passavam pela cultura nordestina, valorizando o texto de Suassuna. Assim completamos o processo de criação e estávamos prontos para a estreia!

Divulgamos a temporada pública que ocorreu no mês de março do ano de 2017. A estreia e as primeiras apresentações aconteceram na Caixa Preta do Núcleo de Artes Cênicas (NAC) da UFGD, espaço maravilhoso que – dependendo da configuração cênica da obra – pode abarcar entre 90 e 130 pessoas espectadoras (em média), e sabíamos que lá a casa estaria lotada com amigos, familiares, colegas artistas de outras turmas, alunes de outros cursos interessados em assistir à peça, pessoas da comunidade que se mobilizam a ir à Cidade Universitária para prestigiar arte... Sim, na Caixa Preta, o esperado aconteceu: plateia lotada e querida celebrando conosco, e muitas pessoas não conseguiram adentrar pela falta de espaço.

A última atuação da temporada aconteceu no Teatro Municipal de Dourados, a turma saiu de seu espaço usual de ensaios – e primeiras apresentações – e se destinou a um edifício teatral tradicional de nossa região, uma linda estrutura que a cidade de Dourados comporta (e que clamamos por sua manutenção); com 420 lugares numerados para o público, camarins, bilheteria,



hall de entrada... Alguns alunos e algumas alunas nunca haviam se apresentado em um teatro desse porte, e, aqui, salienta-se que é muito interessante apresentar em um espaço como esse, mas não confundamos com colocá-lo como meta, pois espaços alternativos, ruas e praças, possuem a mesma magnitude da beleza da interação teatral plural, apenas sublinhamos essa alternativa como marcante porque se trata de uma estrutura cultural que está nos imaginários da sociedade.

Como nosso *Auto da Compadecida* chamou muita plateia e teve entrada franca, observamos que muitas espectadoras e muitos espectadores igualmente estavam pela primeira vez num teatro, e esse fato, por si só, já é esplêndido, pois trazer o povo para ocupar as cadeiras de um Teatro Municipal, espaço que em muitos lugares (cidades brasileiras) dialoga – infelizmente – apenas com um suposto *público elitizado*, é acontecimento a ressaltar. E lá estavam quase quinhentas pessoas dentro do teatro, pois a entrada foi excessiva e o público também sentou nos corredores por falta de cadeiras. Assim a produção nos disse: estimamos que mandamos mais de duzentas pessoas embora porque não havia como ingressar no teatro. O teatro lotou. Muitos e muitas não conseguiram assistir a nossa adaptação. Contando com as apresentações no Núcleo, um dado aproximado de mil espectadores/as foi abarcado, e um número expressivo não pôde assistir (em ambos os lugares).

Por um lado, é triste que uma pessoa espectadora não tenha conseguido assistir a uma peça teatral, mes-



mo que ela tenha se mobilizado para isso. Por outro, na ótica de produtores/as de arte, que fator alegre: teatro lotado! Há demanda! Há um viés que carrega um sorriso no rosto ao dizer a quem chega: todos os lugares estão ocupados. Se o público não se atentar para chegar mais cedo ou garantir sua entrada de alguma forma, ficará de fora. Tal fato com uma peça teatral universitária feita em Dourados, em diálogo com sua comunidade, é para aplaudirmos em pé. O imaginário nos diz que artistas, digamos, com certo “renome” lotem suas apresentações, mas alguém diria que alunes do curso de Artes Cênicas, no meio de sua formação artística, teriam uma experiência assim?

Essa história não pretende diálogos com supostas glamourizações, não é esse o intuito (de muitos/as artistas) ao fazer teatro, mas sim comunicar, compartilhar, garantir acessos plurais, celebrar, expressar, respirar! Frente a dificuldades que podem aparecer nas formatações de nossa sociedade, que delícia entender que a arte tangencia olhares, pensamentos, sensibilidades que nos tocam de diversas maneiras. Apreciar e cocriar o mundo em novas representações e interpretações, os espaços culturais públicos de nossos municípios, de nossa região, são nossos, são de toda a população! E sim, precisamos investir mais em distintos espaços culturais no Mato Grosso do Sul e no Brasil. Saudamos as iniciativas existentes e clamamos, mais uma vez, novos acessos a todos e a todas!



PEQUENAS E GRANDES TRANSFORMAÇÕES: PEDAGOGIA E DÁDIVA

Maria Regina Tocchetto de Oliveira



Experimento uma memória reincidente quando faço a curva, ao dirigir saindo da avenida do campus da UFGD, um pouco antes do acesso ao aeroporto. Naquele pequeno trecho, até hoje, sinto uma saudade recorrente das (os) estudantes para quem dava carona, depois das aulas noturnas, quando eu morava no centro da cidade. Talvez a lembrança apareça naquele ponto do caminho, porque era ali que procurávamos as músicas no som do carro para escutar e cantar em volume bem alto.

Uma história existe porque nos lembramos do quanto ela nos modificou.

Eu cheguei a Dourados em 2013 para assumir o cargo de professora na área de Atuação Teatral do Curso de Artes Cênicas. Em março deste mesmo ano entrava, junto comigo, a quinta turma do Curso, cuja evolução eu acompanhei de perto. Dirigi a montagem do Projeção 2014, uma adaptação da comédia/vaudeville de Eugène Labiche, “Um chapéu de palha de Itália”. A montagem do Projeção correspondia à disciplina de Encenação II, que, com o apoio das outras disciplinas do semestre, finalizava o ciclo básico do curso ao final do segundo ano. Agora, a mesma disciplina chama-se Laboratório de Encenação I. Depois dessa primeira experiência de prática teatral, a turma se divide com suas escolhas para Licenciatura ou Bacharelado. A nova ementa da disciplina ainda propõe a encenação com base em textos teatrais, mas a visão se tornou mais descolonizada. Revisamos a ideia do texto clássico e



ampliamos o rol de nossas escolhas acolhendo e valorizando dramaturgias emergentes.

Àquela época, entre dois clássicos da dramaturgia, sendo eles a tragédia de “Hamlet” de Shakespeare, ou o *vaudeville* francês, a turma optou pela comédia. A qualidade desse texto do século XIX é a sua engenhosa carpintaria cênica, isto é, sua estrutura eminentemente teatral, não só literária, composta por quiproquós, paródias, ironias, coreografias e canções. Para desenvolver a comicidade, é preciso que exercitemos o humor.

No início das aulas, realizávamos o exercício chamado Espiral, uma dinâmica de erguer-se e deitar-se no chão inúmeras vezes com movimentos econômicos e coordenados, a partir do impulso corporal. O movimento realizado por todo o grupo de estudantes no espaço cênico tinha o objetivo de desenvolver agilidade, coordenação, resistência e o que eu propus chamar de “dádiva”. A dádiva era conscientizada como uma energia direcionada para a plateia e para todo o espaço em redor. No dicionário português online¹⁵, dádiva significa: “Oferta que se faz espontaneamente a alguém; presente, oferta, regalo.” Realizando a Espiral como um movimento coral, treinávamos a oferta, o doar aquilo que tínhamos de melhor, o irradiar de nossa melhor disposição, energia e atenção.

No contexto dos ensaios, o espírito de dádiva estimulava a alegria, que gerava o divertimento, capaz de produzir leveza na interpretação e o consequente

15 Disponível em <https://www.dicio.com.br/dadiva/> Acessado em 17/11/2024.



relaxamento na plateia. É de uma plateia mais relaxada que pode vir o riso. E despertava, também, uma atitude, como uma pré-disposição para aprender, enfrentar o desafio, acolher o erro e dissipar, em nível celular, o medo. Pelo menos, essa era a minha intenção.

Às vezes, como professores, conseguimos intuir que os/as discentes podem superar os desafios que propomos e então insistimos para que se arrisquem. É natural que, ao chegarem ao quarto semestre do curso, a grande maioria não tenha participado de um processo completo de montagem teatral. Lembro-me, especialmente, de um dos estudantes da turma, que durante a criação da peça, demonstrava grande insegurança e medo de minhas propostas de encenação. Sofria com o processo, mas por ocasião das apresentações, reconheceu sua capacidade de atuar. Ficou fascinado pela consciência constante que lhe guiava e, ao mesmo tempo, com a transformação de seu comportamento, seguindo espontaneamente os interesses da personagem, reagindo aos colegas de cena e à relação com a plateia. Fiquei surpresa com sua alegria ao reconhecer o valor do aprendizado e de seu longo esforço, até aceitar sua potência como ator. Minha memória ficou marcada, porque eu estive apreensiva durante todo o processo por estimular constantemente que ele se desafiasse para além dos limites conhecidos. Perguntava-me: Até onde eu poderia ir? Até que ponto eu poderia exigir de sua atuação?

Não acredito que hoje, em 2024, eu pudesse aplicar o mesmo rigor, porque uma grande mudança



das subjetividades está acontecendo. As fronteiras de nosso comportamento para com o outro estão ganhando limites assertivos. É o ganho político da luta pelo respeito às identidades. Eu, como professora de longa data e discípula de mestres artistas perfeccionistas, estou tendo que rever os hábitos aprendidos sobre a importância da técnica, da superação incansável de limites. Não porque isso não seja importante, mas porque o foco do trabalho artístico pedagógico está se deslocando. Porque o interesse das/dos jovens estudantes evolui em rápidas mudanças, e é preciso descobrir, em cada indivíduo, qual é sua disposição para o empreendimento teatral. No sentido mundial, estivemos perto da morte com o advento da COVID-19, na condição de brasileiros, vivemos as consequências de um governo de extrema direita entre 2019 e 2022, cuja onda internacional se alastra e deturpa nossa convivência ética cotidiana. Por outro lado, a exacerbação das mentiras veiculadas e multiplicadas nas mídias sociais evidenciou a luta econômica entre as classes sociais brasileiras, deixando mais nítidas as injustiças e as lutas por reivindicações de grupos humanos historicamente desprezados como as mulheres, as comunidades LGBTQIAPN+, os grupos afrodescendentes, os povos originários, os indivíduos neurodivergentes. Ao mesmo tempo, as/os jovens enfrentam a demanda da superexposição nas mídias sociais, que muitas vezes confunde suas escolhas e lhes deixa uma sensação de solidão. Como não se transformar junto? Nesse período de transição, sinto-



-me tateando no desconhecido e procurando ensinar em meio à ameaça do apocalipse ambiental.

É que, em nossa área, nosso “objeto” de trabalho não pode ser objetificado, porque é o nosso próprio ser. Corpo-mente-espírito individuais, esse é nosso material para influenciar o corpo social de espectadoras e espectadores.

Um estudante do elenco, que participou da montagem mesmo sendo de uma turma mais avançada, era de uma timidez e de um talento mímico surpreendentes. Além dessa disciplina, encaminhava seus estudos para a conclusão do curso, quando, então, fui sua orientadora. Não foram nem seu talento ímpar, nem sua dificuldade social que me marcaram, mas o fato de, em vários domingos, caminharmos nas ruas do centro de Dourados, conversando e procurando um meio fio de calçada, para sentarmos e esperarmos, quietos, que ele formasse as frases de difícil elaboração e que dariam sentido ao seu trabalho dissertativo de final de curso. Minha memória não traz nosso sucesso, mas nossa fragilidade acompanhada.

“Oi, meu amor, como você está?”. Essa mensagem foi recebida na semana passada, de uma egressa da turma que voltou para seu município próximo a Dourados. E assim me lembro de inúmeras histórias da rede de estudantes em torno da turma V. De suas vidas, agora longe daqui, contam-me as façanhas e prometemos voltar a nos ver em breve, e repetimos que não esquecemos aquele tempo, que não vamos esquecer nunca.



O ENVENENAMENTO DAS COBRAS: TENTATIVAS DE EVITAR O ROMANTISMO AO FALAR SOBRE EDUCAÇÃO

Michel Mauch



Ao receber o convite para escrever este capítulo do livro em comemoração à *Coleção 20 anos da UFGD*, estando na Rússia e distante da comunidade acadêmica da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), sinto-me solitário diante das transformações na cena artística brasileira e da sua expressão em Mato Grosso do Sul.

Em cismar — sozinho, à noite,¹⁶ como o sabiá de Gonçalves Dias (1823–1864), reflito sobre a pergunta que nos foi lançada: “Pode a arte mudar vidas?” Esse questionamento será o alicerce deste breve esboço, elaborado em um estilo mais livre da academia.

Minha resposta é categórica: a arte não tem o poder de transformar o mundo diretamente.

No entanto, sigo em conexão com o que podemos sintetizar do pensamento de Paulo Freire (1921–1997) sobre a educação. Dessa forma, a arte não tem o poder de transformar o mundo. Todavia, a arte tem a potência de transformar as pessoas que, por sua vez, poderão mudar o mundo.

Quando estamos na sala de aula, nos ensaios, no palco ou nas ruas, não nos limitamos a funções específicas; somos a face visível do Estado diante da sociedade. Nosso trabalho nos envolve por completo, mas é importante frisar: acima de tudo, somos profissionais.

Em cada interação e atividade, carregamos a responsabilidade de sermos a extensão tangível das políticas públicas. Somos o Estado em ação: “[...] implantando um projeto de governo por meio de pro-

16 DIAS, Gonçalves. *Primeiros Cantos*. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=38085>. Acesso em: 7 nov. 2024.



gramas, de ações voltadas para setores específicos da sociedade [...]”¹⁷.

Docentes e técnicos se tornam a linha de frente em que as promessas do Estado ganham forma concreta, não apenas como transmissores de conhecimento, mas também como agentes de transformação por meio do ensino, da ação comunitária e da arte. Ainda que muitas vezes sejamos pouco reconhecidos, permanecemos em campo, resilientes, a serviço da sociedade.

A sala de aula, o ensaio, o palco ou a rua tornam-se espaços onde práticas cotidianas concretizam os direitos prometidos e aproximam as propostas públicas da vida das pessoas. O educador e o técnico vão além de ensinar ou organizar; eles conectam diretrizes governamentais às necessidades reais, devolvendo à comunidade o que nela foi investido com confiança.

Esse trabalho é, sem dúvida, marcado por um paradoxo: enquanto somos o braço estendido do Estado, também permanecemos invisíveis para muitos. O impacto de nossas ações transcende as atividades formais, manifestando-se nas pequenas interações diárias, como uma conversa com o estudante, um espetáculo comunitário ou uma oficina para o público local. Essas interações criam vínculos que ultrapassam a burocracia, reafirmando o serviço público como um compromisso ético e humano.

Diariamente, criamos uma conexão com a sociedade que, embora discreta e muitas vezes desvalorizada, reafirma o papel do Estado em cada espaço que

17 MEIRELES, Cecília. *Viagem*. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2012.



ocupamos. A presença do educador e do técnico é um retorno à comunidade, demonstrando que o investimento público não se limita a estruturas físicas; ele, igualmente, valoriza pessoas comprometidas com a construção de uma sociedade mais equitativa.

Não, a arte e a educação não mudam vidas, mas são formas de intervir e construir o mundo.

Maria Knebel (1898–1985) afirmou que o teatro “[...] nem sempre anda precipitadamente pela ascensão, ele pode ir em ziguezague e círculos, mas ainda de qualquer forma é progressivo”. Assim, penso que o processo educacional segue movimento semelhante, especialmente quando se ocorre pelas vias da educação e do teatro.

Nestes meus 10 anos no curso de Artes Cênicas da UFGD, é emblemático observar as/os estudantes em seus primeiros dias de aula e quando se graduam. Vejo olhares cabisbaixos, às vezes intimidados, transformarem-se ao longo do curso. Brinco, por vezes, que criamos as cobras que acabarão por nos picar. E, com um sorriso, afirmo: quero ser picado por essas cobras!

No início, as/os estudantes aguardam nossos “comandos”, acreditando que vamos entregar-lhes um tesouro. Contudo, nossa prática pedagógica busca que cada estudante-artista se descubra e se encontre na arte teatral, por mais diversos e coloridos que sejam os pensamentos e métodos pedagógicos.

Aprender é um caminho saboroso e doloroso, marcado pelas “dores do crescimento” — físicas e emocionais — que levam o estudante a sair do conhecido,



confortável e estável para o desconhecido, explorável e dinâmico. Nem sempre em linha contínua, mas sempre em movimento.

É nesse fluxo serpenteante que venho encontrando estudantes que aprendem a se identificar em termos étnicos, sociais, sexuais, culturais, comunitários, profissionais e de gênero, ou seja, como indivíduos, seres humanos e artistas críticos. É é justamente nesse momento que as “cobras que criamos” nos mordem.

É uma experiência fantástica e, neste instante, “Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa”. Neste momento, sinto-me realizado como profissional da educação e do teatro.

Sim, é uma experiência deslumbrante quando as/os estudantes — antes passivos — metamorfoseiam-se em catalisadores de transformação do mundo ao seu redor. Eles começam a contestar epistemes, propostas estéticas e visões de mundo, posicionando-se a partir de suas leituras, de suas vivências artísticas e pessoais. É deslumbrante porque sabemos que muitos enfrentaram trajetórias educacionais marcadas pela falta de apoio social, familiar e estatal. Essa é uma vitória coletiva proporcionada pela universidade pública, gratuita e de qualidade, como a UFGD.

Recordo-me de que Giorgio Agamben (1942) expressa que apreender o que é atual não consiste em olhar para as luzes, mas em neutralizá-las para perceber a escuridão como parte da interpretação de sua época, indo além dos limites do explícito e dos



contornos visíveis da compreensão¹⁸. Enxergar além das margens nos possibilita compreender o presente em sua totalidade e antecipar o contemporâneo que está por vir.

A cada momento em que entramos em sala de aula como braço do Estado, estamos engajados — quero acreditar — para que as/os estudantes não sejam cegados pelas luzes nem perdidos na escuridão. Embora, em algumas ocasiões, sejamos percebidos como agentes salvadores, nosso papel é auxiliar os estudantes para que possam olhar além das luzes e da escuridão, enxergando a penumbra. No processo de ensino-aprendizagem, que avança em movimentos não lineares, ansiamos que os estudantes se vejam em construção, percebam a arte como potência e reconheçam seu papel na transformação do mundo.

Krasnoyarsk, 07 de novembro de 2024.

18 Cf.: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.



EM UM SILÊNCIO MÓRBIDO QUANTAS VIDAS

Roberta Ninin



Pela rodovia do MS-162, trilhei caminhos em direção a um pôr do sol escaldante que iluminava, diariamente, a cidade universitária da Federal da Grande Dourados (UFGD) e, em especial, o Núcleo de Artes Cênicas (NAC). Um cenário perfeito para uma bela fotografia, em temperatura amena de fim de tarde, não fosse a paisagem descampada e despovoada ao redor da estrada - para não dizer dizimada: por extermínios da mata e de indígenas - produzidos pela “agropecu-árida”.

Nessa trilha, eu trafeguei e fui trafegada, assiduamente, enquanto docente do curso, permeada por encontros com estudantes interessadas na encenação teatral e no universo do circo-teatro brasileiro. Turmas animadas com a proposta de experimentações cênicas na rua e para a rua, em criação de tipos cômicos e cenas improvisadas durante a ocupação coletiva de diversos espaços no centro da Dourados, próximo à sede da UFGD. Lembro-me de, juntos, perambularmos pelas calçadas do entorno da universidade e nos depararmos conosco mesmos em festa; alegria de inventarmos outros modos brincantes de nossos corpos e relações com a cidade e com as poucas pessoas transeuntes. Recordo-me de não haver muitas pessoas nas ruas, em se tratando de mais uma manhã de sábado, em áreas habitualmente ocupadas por caminhonetes e carroças, a depender de quem mais, ou menos, precisava vender a sua força de trabalho para sobreviver. Em sua maioria, eram as famílias indígenas que labutavam de lá para cá em

busca de doações, puxados - ou empurrados? - por um afadigado cavalo. Silêncios.

Dessas estripulias acadêmicas e artísticas, uma vontade foi tomando conta tanto dessa docente quando de estudantes, um tempo depois... Eis que nós, da quarta turma de Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados, decidimos encenar o texto “A Receita” (1968), do paulista Jorge Andrade (Barretos SP 1922 - São Paulo SP 1984). O intuito era compartilharmos nossa pesquisa cênica a partir de coreografias corais, *selfie* das personagens em pernas de pau, músicas tocadas pelos próprios atuantes, no tocante ao tema sobre a realidade de uma região brasileira cuja economia estava calcada na produção rural, em um contexto de negligências para com aquelas e aqueles que suam de sol a sol. Um espetáculo voltado para diferentes públicos. Buscamos ampliar a audiência teatral douradense ao apresentarmos nosso trabalho em diferentes espaços públicos: na Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (antiga Facale) da UFGD, na praça central da cidade, denominada Antônio João, e no campo de futebol do Parque das Nações II. Parece ter sido um evento e tanto! Até entrevista demos à emissora televisiva hegemônica da cidade. Também, isso foi graças a um estudante muito querido que conciliava seus estudos teatrais com trabalho na emissora, onde iniciava seus passos como repórter. (Pelo que soube, o rapaz prosperou e segue nesse caminho, comunicando notícias à audiência sul-mato-grossense).





Além das descobertas e das vivências artísticas com turmas de estudantes, uma aventura extremamente essencial para irrigar e arraigar caminhos de minha pesquisa - ensino - extensão na UFGD, bem como na árida Dourados/MS, aconteceu, por meio do agrupamento de docentes, artistas-pesquisadores do curso de Artes Cênicas, em torno da criação de um espetáculo contemplado pelo Prêmio Myrian Muniz de Teatro, da Fundação Nacional das Artes, ano 2013, resultando na composição do Núcleo Teatral Isadora (NUTIS). Oriundos de outros estados brasileiros, sentimo-nos impelidos a escrever poeticamente nossa história de itinerâncias pelo país, refletindo as trajetórias de nossas e nossos antepassados imigrantes e migrantes, embarcados por mares - de poeiras e ventos - ora turbulentos ora misteriosos. Se “quem tem boca vai a Roma” e o “peixe morre pela boca”, a personagem alegórica dessa travessia, Isadora, fisgada por seus sonhos e persistências, foi quem viajou por tantos lugares antes navegados, ultrapassando fronteiras temporais e coloniais. Assim, com cheiro de laranja nas mãos, atuei em “Os Olhos que Tivemos”, a primeira criação artística desse núcleo irrigado por diversos membros, entre eles, Gina Tocchetto, na direção e na preparação corporal, e Beto Mônaco, na dramaturgia final. Três figuras em cena, um pai, uma filha e um violoncelo rodopiavam em memórias e fábulas nesse território movediço de passagens, em palcos do teatro municipal de Dourados, do teatro Aracy Balabanian, na capital sul-mato-grossense, e

em Mostras e Festivais - o mais recente em Porto Alegre/RS, no ano de 2018.

Alimentada por sopas paraguaias e chipas, mantive-me inspirada pelas artes da cena no estado e em compartilhá-las com o público. Quando tive a oportunidade de coordenar, junto à docente Flávia Janiaski, o subprojeto Teatro do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), mergulhei em uma proposta pedagógica teatral de aproximação de espectadores ao universo cênico, em metodologias artístico-pedagógicas de formação de plateia, denominada mediação teatral. Assim, a partir de uma viagem teatral da Companhia Estável de Teatro, grupo paulistano em circulação pelo país, tivemos o deleite de apreciar, na universidade, a sua montagem de “A Excessão e a Regra”, do alemão Bertolt Brecht (1898-1956). Antes e após a apresentação, pudemos sentar em roda com os artistas e conversar sobre o processo de criação deles, sobre as peripécias do grupo e debater sobre as relações de poder e a luta de classes discutidas esteticamente na peça, reverberadas no contexto da educação. Interessante o cruzamento das histórias e as itinerâncias entre mim e eles, ambos advindos de São Paulo, com peças contempladas pelo Prêmio Myrian Muniz de Teatro e com tanta fome de adentrar o Brasil, conhecendo suas peculiaridades hostis. Silêncios.

Como na sinopse de “Os Olhos que Tivemos”, aprendi que “os nomes, os lugares, a dor e a alegria, passam. E voltam...”, aprendi que, ao longo da vida,





“uma pessoa pode fingir muitas coisas, mas não sua própria felicidade”... e que “um peixe pode aprender a viver fora d’água, se estiver disposto a morrer tentando”. Eu tentei. Continuo tentando. Silêncios. Quantas vidas!



CONTÁGIO

Vanessa Lopes Ribeiro



2019

Durante o segundo semestre enquanto eu era professora substituta do curso de Artes Cênicas, ministrei uma disciplina eletiva intitulada Tópicos Especiais em Artes Cênicas II aos sábados no NAC. Um dos processos artísticos-pedagógicos propostos foi a criação de dramas¹⁹ pelos alunos e a sua aplicação. Uma das narrativas desenvolvidas foi, no “mínimo”, curiosa, apesar de no momento ser improvável e impensável para a nossa realidade.

Um vírus. Uma festa com os moradores de uma cidade. Uma pessoa infectada posou para fotos apertando a mão de todos. Contágio. A cidade foi isolada. Os moradores foram colocados em situação de extremo caos. A comida e a água foram acabando e o que sobrou precisou ser moderado e compartilhado. Alguns corpos se empilharam e precisaram ser “descartados” durante o isolamento. Os que sobreviveram precisaram aprender a conviver com as diferenças e as dificuldades em um espaço reduzido e estressante, sem saber o que aconteceria. Ao fim, o isolamento terminava com a chegada de uma cura, que simbolicamente era representada com a abertura da porta do NAC e o fim do drama.

O pré-texto, escolhido para esse drama, foi *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago. A obra, amplamente conhecida, serviu de guia para o grupo compor sua narrativa, embora nenhum dos presentes naquelas

19 Metodologia de ensino que pode ser denominada de drama, *process drama* e drama processo.



tardões pudesse prever um mundo em que algo parecido com as ações corporais, as encenações e as teatralidades que desenvolvemos no coletivo, em nossas práticas teatrais, poderia se assemelhar com uma realidade tão próxima da qual viveríamos.

2020

Em 26 de fevereiro, é confirmado o primeiro caso no Brasil da covid-19. Na segunda quinzena de março, foi decretado o isolamento social no país – variando de acordo com cada região. Essa nova situação desconstruiu a rotina com que estávamos acostumados. Vida profissional, social, acadêmica e quantas mais outras funções assumimos. De repente, o que aquele grupo propôs para ser jogado e experimentado em 2019 não foi tão absurdo assim.

Dessa vez, o contágio não foi um contexto ficcional em que era preciso crer para que a suspensão da descrença pudesse ocorrer e o jogo efetuar-se. Dessa vez, era tudo muito real, mais do que os próprios alunos, eu, enquanto professora ou, quem sabe, até Saramago, pudemos imaginar. Dessa vez, realmente nossas vidas e de pessoas que amávamos corriam perigo e estavam enclausuradas em casa. Entre quatro paredes. E que ao longo do tempo pareciam cada vez menores, pareciam comprimir nossos desejos, anseios, sopros e aspirações artísticas.

Enquanto essas paredes se comprimiam, parece que tudo ficou pairado no ar como poeira. O vírus, além de contagiar as pessoas e nos forçar a um isolamento,



imobilizou-nos por um breve momento no agir. Não sabíamos o que fazer dentro daquela nova realidade. Mas, assim, como os alunos aprenderam a jogar dentro das regras em 2019, nós descobrimos possibilidades de ações dentro de nossas casas através dos ambientes virtuais. Iríamos nos manter acolhidos, quentes e acalentados dentro desse cenário por meio das TIDIC's (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação).

Assim foi com a UFGD e com o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) - por quem tenho muito carinho e que considero responsáveis por formar a profissional que sou hoje. Vi ambos "nascerem", sou "filha" dos dois e me sinto parte da história do PIBID de Artes Cênicas da UFGD, já que estou nele desde a sua 1ª edição - entrei como voluntária no primeiro ano da graduação, depois me tornei bolsista e retornei como supervisora.

2021/2022

Meet. Zoom. "Cadê o link?". Reunião com os shorts do pijama. "Todo mundo está vendo a minha tela?". "O áudio tá cortando!". Café ao lado do computador. "Pessoal, abre a câmera por favor". Essas frases e ações se entranharam no nosso cotidiano e fizeram parte dele de uma forma que pareciam que nunca mais iriam embora, e não foi diferente com o PIBID. Após o "susto" inicial, as vidas precisavam seguir, as pesquisas, os ensinamentos e a universidade precisavam continuar a se movimentar. E que bom! Quantas vezes a reunião remota do PIBID era o ponto alto da minha semana. Era o momento



de discutir e refletir sobre o fazer artístico nas escolas, pensar esse fazer remota e presencialmente.

O encontro acontecia remotamente uma semana sob orientação dos coordenadores do subprojeto de Artes Cênicas e outra semana sob orientação do supervisor da escola, no caso, eu. Como não podíamos ir para a escola, aproveitávamos nossas reuniões para estudar práticas pedagógicas e, principalmente, metodologias teatrais com enfoque principalmente no drama, objeto de pesquisa do meu mestrado. Então, estudávamos em conjunto, debatíamos e elaborávamos material pensando em como poderíamos utilizá-lo em sala de aula.

Também, pensávamos em ações para serem realizadas no espaço virtual da escola pública, que no momento era o grupo de WhatsApp das turmas. Criamos vídeos, áudios, atividades em conjunto, na tentativa de manter um contato sensível e cultural com a comunidade que ainda existia apesar de as paredes nos separarem e as telas nos unirem.

O PIBID, mesmo remotamente, era respirar sem a máscara. Discutir drama semanalmente com os alunos da graduação e estabelecer um contato com a comunidade escolar através da arte era afirmar que existia, sim, uma esperança de superar esse momento.

2022

Março. Último mês do edital vigente do PIBID. A escola ainda se adequava às medidas de biossegurança. O edital iria encerrar sem que os alunos entrassem em



uma sala de aula ou escola. Eu não conseguia aceitar a ideia de que aqueles pibidianos iriam encerrar seu edital sem uma prática. Reservei o NAC em dois sábados consecutivos e, com o auxílio da professora Dr^a Ariane Guerra, elaborei e apliquei para os pibidianos a sua única prática: o drama “*Beijo*” partindo do pré-texto “*O Beijo no Asfalto*”, de Nelson Rodrigues.

Apesar de ser sábado à tarde, apesar de os alunos conhecerem previamente a dramaturgia e apesar de as normas de biossegurança ainda estarem vigentes na universidade, a imersão dos alunos na experiência foi inexplicável. O envolvimento com o jogo proposto era visceral e os pibidianos estavam entregues juntos, agindo coletivamente, criando uma narrativa colaborativa e não cada um em sua casa isolado.

O drama estava cumprindo com um dos seus objetivos, que é o de unir os participantes em torno de uma narrativa criada em que são responsáveis pelas problemáticas e pelas resoluções. Os pibidianos, que previamente receberam um convite por e-mail para se hospedarem em um hotel, esqueceram-se da dramaturgia que já conheciam e criaram possibilidades, pularam janelas, assustaram-se, investigaram crimes, escreveram matérias, foram vítimas de uma jornalista sensacionalista, ouviram fofocas e intrigas familiares e tantas outras situações. Tudo isso só foi possível por estarem ali presentes. De corpo presente. Por se fazerem presentes enquanto coletivo. Por serem coletivo nem que fosse nos dois últimos encontros do PIBID.

Assim como no drama e na peça, em que o atropelado pede um beijo no seu último suspiro, o PIBID, no seu último suspiro desse edital, pedia-me uma prática, e foi o que eu fiz: um drama. Espero que, assim como em 2019, o abrir a porta do NAC tenha representado uma cura, o drama *Beijo*, para a turma do PIBID, tenha sido essa “porta” e que tenha sido um contágio de algo bom, que tenha reverberado em suas práticas artísticas-pedagógicas e em seus seres sensíveis, que o contágio não tenha sido somente de vírus, mas de arte também.







A PRÓXIMA HISTÓRIA

Autor/a ainda desconhecido/a



Está a ser escrita...



Minibios



Ariane Guerra Barros

Docente do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados desde 2013. Atuou em todas as edições da *Especialização em Teatro e Educação* da mesma universidade, sendo coordenadora da última edição (2023). Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, atua na área de Corpo e Movimento realizando pesquisa e extensão com leitura dramática e teatro musical, além de práticas e reflexões sobre drama na sala de aula.

E-mail: arianebarros@ufgd.edu.br

Roberto (Beto) Mônaco

Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela UFRGS e em Artes Cênicas pela UFGD. Tem Especialização em Teatro, pela UFGD e Mestrado em Letras (UFGD). Atua em Teatro há mais de 40 anos, como ator, dramaturgo e diretor. Mais recentemente, também como professor na área de Atuação/Interpretação Teatral. É fundador (com Gina Tocchetto) do Núcleo Teatral Isadora – NUTIS, com sede em Dourados/MS.

E-mail: monacobeto@gmail.com

Braz Pinto Junior

Professor do curso de Artes Cênicas (FALE/UFGD). Desenvolve pesquisas com dramaturgia e encenação em coletivos experimentais e projetos de extensão como o Núcleo de Estudos da Cena Contemporânea (NUENCENA). Autor e diretor dos espetáculos Prome-

teu Conectado (2024) e O Silêncio de Ophelia (2018). Bacharel em Artes Cênicas (FAP), possui Doutorado em Estudos da Tradução (PGET/UFSC).

E-mail: brazjunior@ufgd.edu.br



Bruno Augusto da Silva

Servidor Produtor de Conteúdo Audiovisual, Designer Gráfico e Cineasta. Tem graduação em Sistemas de Informação e Mestrado em Sociologia pela UFGD. Atualmente ocupa o cargo de Assessor de Comunicação Social e relações Públicas na UFGD. Esteve lotado na Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD por 5 anos, onde atuou em diversas ações e espetáculos do Curso de Artes Cênicas da Instituição.

E-mail: brunosilva@ufgd.edu.br

Camile dos Anjos

Doutora em Artes Cênicas pela UDESC (2024), mestre (2009) e graduada (2006) pela UNIRIO. Foi professora substituta de Artes Cênicas na UFGD (2017-2019, 2022-2024). Mãe do Raul. Integrante da Cia Milongas (RJ) por 13 anos, atua em Dourados e integra os grupos Batuqueiras de Nós Mesmas e Coletivo Clandestino. Pesquisa e produz arte com foco em gênero e feminismos.

E-mail: camileanjos@gmail.com



Elise Hirako

Professora substituta em Artes Cênicas na UFGD. Doutoranda em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (2022) e Mestre pela mesma instituição. Bacharel e Licenciada em Artes Cênicas pela UnB. Coordenadora do Grupo de Trabalho Processos Criativos da ABRA-CE (2025). Pesquisadora do CDPDan - Coletivo de Documentação e Pesquisa em Dança Eros Volússia (CEN/UnB) e pesquisadora associada do núcleo de Brasília do Anthropology and Dance Laboratory, (AnD LAB).

E-mail: hirakoelise@gmail.com

Flávia Janiaski

Professora, diretora, produtora e pesquisadora teatral. Doutora em Artes Cênicas pela UFBA, com bolsa CAPES de doutorado sanduíche na UMASS/Boston no programa de Early Childhood Education. Mestre em Teatro pela UDESC. Professora Associada da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Foi Coordenadora Institucional e Coordenadora de Área do PIBID/UFGD e coordena o grupo de pesquisa “Esboço Caótico Cia. de Teatro e Pesquisa cênica” do CNPQ.

E-mail: flaviajaniaski@ufgd.edu.br

Igor Emanuel de Almeida Schiavo

Ator, Dramaturgo e Professor. Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná,



Especialista em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Licenciado em Teatro pela Faculdade de Artes do Paraná. Pesquisador de Teatro de Rua, Teatro Dialético, Teatro do Oprimido e Teatro na Educação. Professor do curso de Artes Cênicas da UFGD e fundador do Coletivo Clandestino.

E-mail: igorschiavo@ufgd.edu.br

João Marcos Dadico Sobrinho

Possui graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004), Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006), Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (2015) e Doutorado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2019). Atualmente é professor da Universidade Federal da Grande Dourados. Pesquisa teoria, crítica e recepção do drama, atuando principalmente nos seguintes temas: drama-jogo, interpretação teatral, iluminação cênica, processos de criação e dramaturgia.

E-mail: joaosobrinho@ufgd.edu.br

José Manoel de Souza Junior

Mestre em Letras pela UFGD, com especialização em Teatro: Poéticas e Educação. Graduado em Artes Cênicas e Ciências Biológicas, atua como técnico pedagógico de Arte em Três Lagoas/MS. É músico, ator, diretor teatral e pesquisador, com foco em dramaturgia sonora e voz do ator. Foi regente da Orquestra da UFGD



e professor substituto de Artes Cênicas, contribuindo para o cenário artístico e educacional da região.

E-mail: tbbioms@hotmail.com

José Parente

Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Bacharel e Mestre em Teatro pela Universidade de São Paulo – USP. Professor efetivo do Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD desde 2010. Atualmente, dedica-se à pesquisa no campo do Teatro de Animação, com ênfase em Teatro de Objetos. É ator e diretor teatral.

E-mail: joseparente@ufgd.edu.br

Júnia Cristina Pereira

Atriz, dramaturga, produtora cultural e arte-educadora. Concluiu pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários - FALE/UFMG (2024). É doutora em Artes Cênicas pela UFBA (2019), Mestre em Artes (2009), Bacharela em Interpretação Teatral (2006) e Licenciada em Artes Cênicas (2005) pela Escola de Belas Artes - EBA/UFMG. É docente efetiva do Curso de Artes Cênicas da UFGD, desde 2015.

E-mail: juniapereira@ufgd.edu.br

Karla Neves

Diretora teatral, Atriz, Performer e Professora. Mestra em Letras pela FACALE/UFGD (2019), Especialista em Interdisciplinaridade em Artes e Ensino das Artes (2011), Licenciada em Teatro pela FAP/UNESPAR



(2008). Fundadora e pesquisadora do Coletivo CLan-DesTino (2003/Atual), Orendive Teatro Intercultural (2017/Atual) e integrante do Batuqueiras de nós mesmas (2020/Atual).

E-mail: karlanevesartes@gmail.com

Luiz Eduardo Rodrigues Gasperin

É pai do Joaquim, homem cisgênero gay e professor-artista. Doutor em Artes da Cena (UNICAMP), Mestre em Arte/Teatro (UFU), Bacharel em Artes Cênicas (UFGD) e Licenciado em Teatro (Mozarteum-SP). Atuou como professor na educação básica e no ensino superior, além de ter sido vice-presidente da ATU (2021-2023). Dirigiu a Trupe Arte e Vida (2009-2015) e co-fundou o núcleo Coelho Mordem. Atualmente, é professor adjunto na Licenciatura em Teatro da UNESPAR.

E-mail: eduardo.gasperin@unespar.edu.br

Marcos Machado Chaves

Artista teatral-musical. Professor de Música e Cena da Universidade Federal da Grande Dourados, formado em Música Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas e Doutor em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Fez Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Especialista em Musicoterapia pela Faculdade Iguaçu, também é licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Cidade Verde.

E-mail: marcoschaves@ufgd.edu.br



Maria Regina Tocchetto de Oliveira

Maria Regina Tocchetto de Oliveira (Gina Tocchetto) é atriz, diretora e professora no curso de Artes Cênicas da UFGD. Realizou Pós-doutorado no PPGAC da UFRGS (2023), Doutorado no PPGAC da UFBA (2020), Mestrado em Estudos de Teatro na Universidade de Lisboa (2008) e Bacharelado em Interpretação Teatral pelo Departamento de Arte Dramática da UFRGS (1991). É fundadora (com Beto Mônico) do Núcleo Teatral Isadora – NUTIS, com sede em Dourados/MS.

E-mail: tocchettogina@gmail.com

Michel Mauch

Professor Adjunto do curso de Artes Cênicas (Bacharelado/Licenciatura) da UFGD, ocupando a cadeira de Metodologias do Ensino do Teatro. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: mauch.michel@ufgd.edu.br

Roberta Ninin

Roberta Cristina Ninin, artista e pesquisadora da cena, é natural de Marília-SP e realizou graduação e mestrado em Artes Cênicas no IA-UNESP, em São Paulo. Na mesma cidade, concluiu o doutorado na ECA-USP, em Pedagogia do Teatro, com período de pesquisa na Université du Québec à Montreal (UQAM), no Canadá. Foi professora de Artes na educação básica, na UFGD e atua há mais de 10 anos no curso de

Licenciatura em Teatro na UNESPAR, em Curitiba-PR.
E-mail: roberta.ninin@unespar.edu.br

Vanessa Lopes Ribeiro

Professora de Arte/Teatro. Doutoranda em Educação (UCDB), Mestre pelo programa Prof-Artes (UFMS), Especialista em Teatro: poéticas e educação (UFGD), Licenciada em Artes Cênicas (UFGD) e Letras/Literatura pela Unigran. Integra os seguintes grupos de pesquisa: GETED e E-caos. Foi professora substituta do curso de Artes Cênicas (UFGD). Foi supervisora e bolsista do PIBID. Faz parte da Cia Última hora de Teatro como atriz e produtora.

E-mail: ribeiro_vanessa_@hotmail.com





GL20
ANOS

uf
editora



GE20
ANOS

editora

